



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO

MARIA CAROLINA DE LIMA E SILVA

Uma Análise dos Estudos em Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento nas Organizações: O Caso da Produção Acadêmica do ENEGI (2010 a 2015)

RECIFE
2016

MARIA CAROLINA DE LIMA E SILVA

Uma Análise dos Estudos em Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento nas Organizações: O Caso da Produção Acadêmica do ENEGI (2010 a 2015)

Trabalho de Conclusão apresentado ao Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Gestão da Informação.

Orientador: Profº Dr. André Felipe de Albuquerque Fell

Recife
2016



FOLHA DE APROVAÇÃO

Uma Análise dos Estudos em Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento nas Organizações: o caso da produção acadêmica do ENEGI (2010 a 2015)

(Título do TCC)

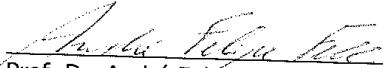
Maria Carolina de Lima e Silva

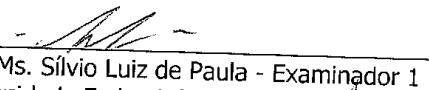
(Autor)

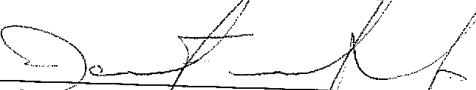
Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora, apresentado no Curso de Gestão da Informação, do Departamento de Ciência da Informação, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Gestão da Informação.

TCC aprovado em 02 de fevereiro de 2017.

Banca Examinadora:


Prof. Dr. André Felipe de Albuquerque Fell - Orientador
Universidade Federal de Pernambuco


Prof. Ms. Sílvio Luiz de Paula - Examinador 1
Universidade Federal de Pernambuco


Prof. Ms. Daniel Felipe Victor Martins - Examinador 2
Universidade Federal Rural de Pernambuco



Departamento de Ciência da Informação - Centro de Artes e Comunicação - CEP 50670-901
Cidade Universitária - Recife/PE - Fone/Fax: (81) 2126-8780/ 8781 - dci@ufrpe.br



AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Janete Alexandre e Sandro Jorge, que sempre acreditaram, investiram e lutaram para me oferecer o melhor que podiam, por me ensinarem a ter sede de aprendizado, e a seguir pelo caminho correto que não necessariamente é o mais curto ou fácil. Aos meus irmãos Junior, Hugo e Lucas pelo apoio, carinho e companheirismo.

Ao meu marido Daniel Fonseca, por cuidar sempre de mim, por me dar todo apoio e suporte nos cuidados com a casa, e principalmente na criação de nossas filhas e pelo amor incondicional que dedica a nossa família.

As minhas filhas por suportarem a minha ausência, por entenderem que estava buscando um futuro melhor para nossa família e perdoar as noites que dormiram sem um beijo de boa noite, porque a mamãe ainda não havia chegado da faculdade, mas que sempre acordavam nas manhãs seguintes com a frase “Bom dia, flor do dia” acompanhada de dois belos sorrisos.

Aos meus sogros, Magali Albuquerque e Antônio Fonseca por me acolherem como uma filha, e vibrarem com cada conquista alcançada.

Agradeço também aos meus professores pelos conhecimentos que com eles adquiri, em especial a Célio, Alexander Azevedo e Antônio que me ajudaram na maturidade adquirida para elaboração deste trabalho e com muitos dos desafios que a minha carreira irá propor, que além de grandes mestres, sempre confiaram no meu potencial, me ajudaram nos momentos de dificuldades e ofereceram um ombro amigo quando precisei; e também aos meus colegas e amigos de curso, em especial a Elda Santana, Fábio Lima, Fernanda Nascimento, Micaela Carvalho e Polyana Maria, por tornarem mais amena uma rotina eventualmente pesada, especialmente durante e após a minha gestação, em que a participação de vocês foi crucial para que eu chegasse até aqui, fornecendo, sobretudo motivação ao longo desses últimos anos, pretendo jamais perder esse vínculo.

Um agradecimento especial ao meu orientador André Fell, pela atenciosa orientação, pela confiança depositada e paciência frente às dificuldades, foi fonte de grande motivação e aprendizado.

Aqueles que também me auxiliaram nesta jornada e que não citei, peço perdão pela minha pouca familiaridade com agradecimentos formais, espero ter demonstrado e continuar demonstrando em ações o quanto sou grata quanto a parceria de vocês.

*“Os grandes navegadores devem
sua reputação aos temporais e tempestades.”*
(Epicuro)

Resumo

Muito se tem discutido em eventos, encontros, congressos e até dentro das salas de aula, a respeito da necessidade e importância da Gestão da Informação (GI) e da Gestão do Conhecimento (GC) nas organizações, o que possibilita os questionamentos de que modo, a frequência dessas discussões trouxe efetivas contribuições para as organizações brasileiras? Quais as possíveis dificuldades encontradas para o desenvolvimento desses estudos no país? Seguindo este raciocínio, este trabalho teve como objetivo mapear e analisar de forma qualitativa e quantitativa os artigos em Gestão da informação e Gestão do Conhecimento nas organizações, presentes no grupo temático – GT3 dos ENEGIs de 2010 a 2015. Buscou compreender a produção acadêmica de artigos do grupo temático – GT3 (GI e GC nas organizações) do ENEGI (2010 a 2015) a partir do modelo de Burrell e Morgan (1979) e utilizar indicadores científicos para a geração de informações de autoria, e referências dos artigos deste grupo temático. Para tanto, foram analisados 41 artigos e estes foram categorizados, em um dos quatro paradigmas, Interpretativo, Humanista Radical, Estruturalista Radical ou Funcionalista, indicados por Burrell e Morgan (1979) configurando-se como a parte qualitativa desta pesquisa. No que se refere ao caráter quantitativo empregou-se como material de pesquisa 1158 referências bibliográficas, as quais foram coletadas dos 41 artigos publicados na sessão denominada GT3 – Gestão da informação e Gestão do conhecimento nas organizações, das 06 últimas edições do ENEGI. Em relação à produção estudada, o enquadramento no modelo de Burrell e Morgan (1979) apontou a predominância do paradigma interpretativo o que sugere que os pesquisadores não procuram diretamente a mudança na organização, mas sim, a compreensão do que ocorre nela a partir das perspectivas daqueles que nela estão envolvidos/comprometidos, seguido do Humanista Radical apontando que o foco da abordagem dos autores estudados tem sido o subjetivismo. Por fim, observou-se que a área, nos ENEGIs estudados, tem reincidência significativa de autores da instituição que sedia o evento, e um relevante apego referencial a autores que principiaram as discussões na ciência da informação, mais precisamente quanto à Gestão da informação e a Gestão do Conhecimento.

Palavras-chave: Gestão da Informação. Gestão do Conhecimento. Conhecimento Organizacional. Produção científica.

ABSTRACT

Much has been discussed at events, meetings, congresses and even within classrooms, regarding the need and importance of Information Management (IM) and Knowledge Management (KM) in organizations, which makes it possible to question how , Has the frequency of these discussions brought real contributions to Brazilian organizations? What are the possible difficulties encountered in the development of these studies in the country? Following this reasoning, this work aimed to map and analyze in a qualitative and quantitative way the articles in Information Management and Knowledge Management in the organizations, present in the thematic group - GT3 of ENEGIs from 2010 to 2015. It sought to understand the academic production of articles Of the thematic group - GT3 (IM and KM in organizations) of the ENEGI (2010 to 2015) from the model of Burrell and Morgan (1979) and use scientificometric indicators for the generation of information of authorship, and references of the articles of this thematic group. In order to do so, 41 articles were analyzed and categorized in one of the four paradigms, interpretative, Radical Humanist, Radical Structuralist or Functionalism, as indicated by Burrell and Morgan (1979), forming the qualitative part of this research. With regard to the quantitative character, 1158 bibliographical references were used as research material, which were collected from the 41 articles published in the session entitled GT3 - Information Management and Knowledge Management in Organizations, from the last 6 editions of ENEGI. In relation to the production studied, the framework in the model of Burrell and Morgan (1979) pointed out the predominance of the interpretive paradigm which suggests that the researchers do not seek directly the change in the organization, but rather the understanding of what happens in it from the perspectives Of those who are involved / committed, followed by the Radical Humanist, pointing out that the focus of the authors' approach has been subjectivism. Finally, it was observed that the area, in the ENEGIs studied, has a significant recurrence of authors of the institution that hosts the event, and a relevant referential attachment to authors who started the discussions in the information

Keywords: Information Management. Knowledge management. Organizational Knowledge. Scientific production.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dado, Informação e Conhecimento.....	15
Quadro 2 – Dimensões da Informação	18
Quadro 3 – Diferenças básicas entre os tipos de conhecimento	20
Quadro 4 – Paradigmas de Burrell e Morgan e suas características	24
Quadro 5 – Grupos Temáticos da Gestão da Informação e do Conhecimento nas organizações do ENEGI	24
Quadro 6 – Pressuposições sobre a natureza da sociedade	24
Quadro 7 – Paradigmas de Burrell e Morgan e suas características	26
Quadro 8 – Grupos Temáticos da Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações do ENEGI	28
Quadro 9 – Autores do ENEGI (A)	31
Quadro 10 – Autores do ENEGI (B)	32
Quadro 11 – Autores do ENEGI (C)	33

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Espiral do conhecimento	21
Figura 2 – Conteúdo do conhecimento criado pelos quatro modos	22
Figura 3 – Matriz 2x2 dos Paradigmas de Burrell e Morgan	25
Figura 4 – Procedimentos metodológicos	29
Figura 5 –Tratamento e padronização dos nomes dos autores em <i>software Microsoft Excel</i>	35
Figura 6 – Recorte das pastas criadas em arquivo do <i>software Microsoft Excel</i> durante o Tratamento e padronização dos nomes dos autores	35

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Enquadramento da produção estudada nos Paradigmas de Burrell e Morgan	37
Gráfico 2 – Ocorrência dos Paradigmas de Burrell e Morgan ao longo dos seis edições do evento	38
Gráfico 3 – Quantidade de publicação por autor	39
Gráfico 4 – Representatividade dos 15 autores mais citados em todas as edições do ENEGI	40
Gráfico 5 – Os 15 autores mais citados em todas as edições do ENEGI	41
Gráfico 6 – Os 04 autores mais citados por edição do ENEGI.....	42

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

DCI – Departamento de Ciência da Informação

ENEGI – Encontro de Estudos sobre Tecnologia, Ciência e Gestão da Informação.

GC – Gestão do Conhecimento

GI – Gestão da Informação

GT – Grupo Temático

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1. Introdução	12
2. Contexto de Pesquisa	11
2.1 Cenário	11
2.2 Definição do Problema.....	11
2.3 Justificativa	12
2.3.1 Justificativa pelo Aspecto da Gestão da Informação e da Gestão do Conhecimento nas organizações	12
2.3.2 Justificativa pelo Aspecto do Modelo de Burrell e Morgan.....	13
2.3.3 Justificativa pelo Aspecto do ENEGI	14
2.4 Objetivos.....	14
2.4.1 Objetivo Geral.....	14
2.4.2 Objetivos Específicos	14
3. Fundamentação Teórica.....	15
3.1 Dado, Informação e Conhecimento	15
3.2 Gestão da Informação	17
3.3 Gestão do Conhecimento	19
3.4 O Modelo de Burrell e Morgan.....	23
4. Objeto de Estudo: Anais do ENEGI (2010 a 2015).....	26
4.1 Origem e Importância do ENEGI	26
4.2 Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações.....	27
5. Procedimentos Metodológicos.....	28
5.1 Método de Pesquisa	29
5.2 Coleta dos dados	34
5.3 Análise de Dados.....	35
6. Análise dos Resultados da Pesquisa.....	36
7. Conclusão	43
7.1 Síntese do estudo	43
7.2 Confronto com os objetivos propostos.....	44
7.3 Limitações	45
7.4 Sugestões para trabalhos futuros.....	46
8. Referências.....	47

1. Introdução

Segundo Stewart (1998), a sociedade moderna tem como principal fonte geradora de riqueza, a informação e o conhecimento. Esses dois elementos quando bem combinados, na realidade organizacional, podem impulsionar grandes mudanças, criar inovação e gerar vantagem competitiva frente aos seus concorrentes. Por este motivo, Jamil (2005) afirma que devido à importância atribuída à informação e ao conhecimento, a sociedade contemporânea passou a ser chamada, por alguns, de sociedade da informação e, por outros, de sociedade do conhecimento. Alguns autores, tais como Drucker (1993), Stewart (2002), Davenport e Prusak (2003), reforçam esta ideia, quando defendem que essas novas concepções de sociedade surgiram a partir da compreensão de que a informação e o conhecimento tornaram-se um novo recurso econômico, considerado mais importante que o capital, a mão-de-obra ou a terra.

Desse modo, a passagem da sociedade industrial para a sociedade pós-industrial que vem sendo caracterizada como sociedade da informação ou sociedade do conhecimento trouxe em seu cerne uma série de desafios complexos que exigem o desenvolvimento de estudos e metodologias que abranjam essas questões de forma mais consistente (SOUZA; DIAS; NASSIF, 2011). Um destes problemas, é que em um mundo cada vez mais conectado, novas informações estão sendo produzidas a todo instante, com um volume tão grande que o cidadão é incapaz de processá-las, absorvê-las e utilizá-las; ele parece necessitar constantemente estar se adaptando às mudanças, a uma nova realidade, tendo uma atitude flexível e frequentemente aprendendo a desaprender para aprender o novo.

Em uma organização não é diferente. Segundo Moura (2005), mesmo sem dar a devida importância a este problema, as empresas fazem constante uso da informação, ainda que de forma pouco estruturada ou sem organização; em outras palavras, sem a preocupação com a sua gestão. Como por exemplo, para comprar matéria-prima, desenvolver produtos e serviços, prospectar novos clientes, manter os antigos, adentrar em um novo nicho de mercado, para contratar novos funcionários adequados a desenvolver certas funções; as organizações estão fazendo uso de informações, que para Spinola e Pessôa (1997), são ferramentas poderosas em uma organização uma vez que, por meio delas, pode-se ter o domínio dos diversos parâmetros que regem a sua dinâmica. Assim, quando bem estruturada

e organizada, a informação pode ser uma ferramenta na busca do sucesso de uma organização, principalmente no que se refere à tomada de decisões estratégicas e à garantia de vantagem competitiva. E de acordo com Terence (2002), em um cenário em que a competitividade tem provocado grande instabilidade e constantes incertezas quanto ao futuro das organizações, conquistar vantagem competitiva é um elemento de fundamental importância para a sobrevivência delas.

Nesse sentido, a quantidade de informação produzida dentro das organizações precisa ser gerenciada, tratada e analisada, por um profissional com habilidades e competências; capaz de torná-la acessível a todos os colaboradores da organização, de forma organizada, bem estruturada, facilitando a tomada de decisão e possibilitando a geração de conhecimento organizacional. Para Marchiori (2002) a função principal do gestor da informação é prover um serviço e/ ou produto de informação que seja direcionado, funcional e atrativo. É um profissional que está em ascensão, apesar de ser uma profissão ainda pouco conhecida no mercado de trabalho, mas que possui as habilidades necessárias para gerenciar a informação. Fukahori *et. al.* (2014) em seus estudos, afirmam que esse profissional da informação ainda é pouco conhecido como alguém capaz de trazer soluções para problemas da organização. E Silva *et. al.* (2008) apontam estudos que revelam que o cargo do gestor da informação muitas vezes é substituído por profissionais de outras áreas como ciência da computação e engenharia.

No entanto, algumas empresas, como por exemplo, aquelas ligadas ao ramo de entretenimento, como emissoras de TV e empresas que trabalham com e-commerce e e-business, já perceberam a importância da gestão eficiente de toda a informação produzida e adquirida; já vislumbrando a gestão da informação como uma atividade essencial para a garantia, não só da sobrevivência, como também da estabilidade organizacional frente ao mercado, quando utilizada como um recurso estratégico (MORAES, ESCRIVÃO FILHO, 2006).

O gestor da Informação também atua na gestão do conhecimento, e muito tem sido discutido no que se refere a este tema. Drucker (1993) já afirmava, no inicio da década de 1990, que a riqueza organizacional não mais se alocava no capital nem no trabalho, mas estava associada à produtividade e à inovação, sendo ambas alcançadas por meio de aplicações do conhecimento ao trabalho. Outros autores relatam em seus trabalhos, que para se manter e se desenvolver no mercado global, algumas empresas têm precisado romper com os paradigmas da relação capital-

trabalho, incorporando conhecimento aos seus produtos e, assim, agregando valor distintivo às suas marcas (DAVENPORT; JARVENPAA; BEERS, 1996; NONAKA; TAKEUCHI, 1997; DAVENPORT; PRUSAK, 1998; VON KROGH; ICHIJO; NONAKA, 2001; STEWART, 2002; PROBST; RAUB; ROMHARDT, 2002; NADAI; CALADO, 2005; NONAKA; TOYAMA; HIRATA, 2008).

Percebe-se então que a informação e o conhecimento são frequentemente associados a recursos estratégicos para as organizações se manterem no mercado e buscarem uma competitividade sustentável. Para Souza, Dias e Nassif (2011, p.56):

...Esse entendimento tem incitado as organizações a estudarem e reverem seus modelos tradicionais de gestão, agora fundamentados no conhecimento como fator imprescindível à inovação e competitividade. Os novos modelos gerenciais estão desafiando, ao mesmo tempo, organizações e pesquisadores, que se debruçam sobre conceitos, teorias, metodologias e práticas de gestão da informação e do conhecimento.

Como resultado desse desafio, os conhecimentos adquiridos sobre o tema costumam ser compartilhados em eventos científicos voltados para estudantes e profissionais da área. Esse compartilhamento de experiências e comunicação entre os pesquisadores, resulta em produções científicas que podem colaborar para o aprimoramento do campo científico, contribuindo para que as organizações gerem inovação e a tão desejada vantagem competitiva. Segundo Meadows (1999), a comunicação científica é tão vital para o desenvolvimento da ciência quanto a própria pesquisa, pois a legitimação dos resultados de uma investigação depende da avaliação dos pares e de sua divulgação dentro da comunidade científica. Essa comunicação resulta em diversas publicações, e, a identificação das características destas pesquisas implica no entendimento sobre a Gestão da Informação e da Gestão do Conhecimento no Brasil bem como pode apoiar decisões estratégicas no que se refere ao âmbito das organizações. Para a identificação destas características é utilizado a Bibliometria que segundo Tague-Sutcliffe (1992) *apud* Costa e Vanz (2012) é o estudo dos aspectos quantitativos da produção, disseminação e utilização das informações registradas que permite desenvolver modelos matemáticos e medidas para estes processos e utilizá-los posteriormente como subsídios para a tomada de decisão.

O presente trabalho busca tentar contribuir mapeando e evidenciando parte da produção científica nacional que é caracterizada por fazer investigações, abordando temas relacionados à Gestão da Informação e à Gestão do Conhecimento nas organizações, através da análise dos artigos que estão alocados em um grupo temático específico em um relevante encontro acadêmico da área de Ciência da Informação: o Encontro de Estudos sobre Tecnologia, Ciência e Gestão da Informação (ENEGI). As análises buscaram trazer informações sobre parte da produção científica da área, desde a criação do evento em 2010 até o ano de 2015.

O trabalho foi estruturado de forma a apresentar no primeiro capítulo a introdução ao trabalho; no segundo capítulo está o contexto de pesquisa, exibindo os itens problema de pesquisa, objetivos e justificativas do estudo. Em seguida, fez-se a fundamentação teórica, que discute alguns conceitos relacionados a dado, informação e conhecimento; posteriormente discorrendo sobre as temáticas da gestão da informação e do conhecimento, ressaltando as suas características e contribuições a partir do modelo de paradigma de Burrel e Morgan (1979). No terceiro capítulo foram apresentados os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, para em seguida ser apresentado o capítulo de análise dos resultados e por fim o capítulo das considerações finais.

2. Contexto de Pesquisa

2.1 Cenário

Compreender como as organizações funcionam, permite avaliar o papel da informação e do conhecimento nelas. Para Valentim (2014), todas as atividades desenvolvidas em uma organização são dependentes de informação e de conhecimento, e para Barbosa, Sepúlveda e Costa (2009, p.13):

A informação e o conhecimento têm sido considerados fatores cada vez mais essenciais para a eficiência e eficácia das organizações. São elementos que, quando bem gerenciados, tendem a promover a redução de custos, aumento de receitas, melhor atendimento aos clientes, maior capacidade inovadora, dentre outros benefícios.

Portanto, os estudos relacionados a esses fenômenos, bem como a gestão da informação e a gestão do conhecimento em organizações, mostram-se necessários, devido a sua importância para o avanço da área da Ciência da Informação, constitutiva das ciências sociais aplicadas.

2.2 Definição do Problema

Muito se tem discutido em eventos, encontros, congressos e até dentro das salas de aula, a respeito da necessidade e importância da Gestão da Informação (GI) e da Gestão do Conhecimento (GC) nas organizações, o que possibilita os questionamentos de que modo, a frequência dessas discussões trouxe efetivas contribuições para as organizações brasileiras? Quais as possíveis dificuldades encontradas para o desenvolvimento desses estudos no país?

Seguindo essa linha de raciocínio, pode-se com a finalidade de se ter uma perspectiva dos reflexos desses estudos, ainda perguntar: Quais os temas mais trabalhados? Quais autores são mais expressivos? Quais são os mais referenciados, estruturando as ideias de novos autores?

Assim, pode-se estabelecer como problema desta pesquisa e como pergunta que irá conduzir as posteriores análises deste trabalho: **a partir de um Grupo Temático próprio (GT3), como foram desenvolvidos os trabalhos sobre Gestão**

da Informação e do Conhecimento nas Organizações no ENEGI (Encontro de Estudos sobre Tecnologia, Ciência e Gestão da Informação) de 2010 a 2015?

2.3 Justificativa

Após as considerações fornecidas, justifica-se a ideia de levar o tema adiante a partir dos aspectos apresentados a seguir.

2.3.1 Justificativa pelo Aspecto da Gestão da Informação e da Gestão do Conhecimento nas organizações

A quantidade de informação produzida dentro das organizações tem exigido, das empresas uma eficiente gestão da informação produzida, para torná-la acessível à tomada de decisões. Bem como uma gestão do conhecimento eficaz para a garantia da manutenção e compartilhamento do conhecimento de seus colaboradores, conhecimento este muitas vezes não registrado. Segundo Barbosa (2008) à medida que os ambientes profissionais e de negócios se tornam mais complexos e mutantes, a informação se transforma indiscutivelmente, em uma ferramenta capaz de garantir a devida antecipação e análise de tendências, bem como a capacidade de adaptação, de aprendizagem e de inovação.

Evidencia-se que os fluxos informacionais fazem parte da dinâmica organizacional, por isso podem ser mapeados, reconhecidos, caracterizados e explorados e geridos sob a ótica do ambiente informacional (DAVENPORT; PRUSAK, 1998) que também sofre influência da dinâmica desses fluxos. Nesse contexto, a informação que constitui esses fluxos e que possuem algum valor para os processos organizacionais é proveniente tanto de fontes internas quanto externas (TARAPANOFF, 2006). Observando que a informação é intrínseca a quase todos os setores da organização, Choo (2006) comprehende que esse tipo de ambiente usa a informação estrategicamente para dar sentido às mudanças do ambiente externo, gerar novos conhecimentos através do aprendizado e/ou tomar decisões. A gestão da informação nesse contexto pode ser uma forte aliada para desenvolver um ambiente organizacional favorável à construção do conhecimento e à tomada de decisões estratégicas.

Igualmente, o conhecimento gerado, precisa ser gerenciado. Davenport e Prusak (1998, p. 19) afirmam que o “Conhecimento é a informação mais valiosa e, consequentemente, mais difícil de gerenciar”. E para superar esta dificuldade os gestores buscam estratégias e soluções que lhes permitam explorar e usar todo o conhecimento organizacional.

Assim, justifica-se a escolha do tema Gestão da Informação (GI) e Gestão do Conhecimento (GC) nas organizações, por entender-se da mesma maneira que Santos e Valentim (2014), que gerenciar os fluxos formais (GI) e os fluxos informais (GC) é bem significativo para que as organizações possam gozar dos benefícios que estes propiciam, tais como: melhor compreensão das mudanças que ocorrem, tanto no ambiente interno quanto externo; maior segurança para tomar decisões; maior capacidade para gerar conhecimento voltado à inovação; maior facilidade de acesso, uso e reuso de dados, informações e conhecimentos; melhor condição para a aprendizagem e o compartilhamento de ideias e conhecimento; entre outros.

2.3.2 Justificativa pelo Aspecto do Modelo de Burrel e Morgan.

Burrell e Morgan (1979) em sua obra *Sociological Paradigms and Organizational Analysis*, propuseram a classificação dos estudos organizacionais de acordo com critérios mutuamente exclusivos baseados em pressupostos meta-teóricos sobre a natureza da ciência social e a natureza da sociedade. Dessa forma, buscou-se analisar a natureza de estudo de cada artigo dos ENEGIs (2010 a 2015), identificando como as características das abordagens utilizadas pelos pesquisadores, do ponto de vista social e científico se diferenciam.

Segundo Santos e Farias (2010) os paradigmas auxiliam os pesquisadores que se comprometem a compreender a realidade das pesquisas, pois as categorias conceituais estabelecidas são capazes de indicar os aspectos epistemológicos e quais foram os caminhos científicos trilhados pelos autores.

Justifica-se, por conseguinte, a escolha do modelo de Burrell e Morgan por considerá-lo adequado ao esforço de observar como os estudos relacionados à Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento em organizações estão sendo desenvolvidos de forma ontológica e epistemológica; verificando ainda se estes artigos apresentam contribuições que buscam resolver e superar eventuais problemas existentes nas organizações.

2.3.3 Justificativa pelo Aspecto do ENEGI

O Encontro de Estudos sobre Tecnologia, Ciência e Gestão da Informação (ENEGI), era realizado anualmente tendo sua última edição no ano de 2015 no Centro de Artes e Comunicação da UFPE, e promovido pelo Departamento de Ciência da Informação. Tinha como público alvo desde docentes, pesquisadores e estudantes de graduação e pós-graduação das Ciências Sociais Aplicadas e áreas correlatas como Comunicação e Tecnologia até profissionais e empresas das iniciativas pública e privada (ENEGI, 2015). Muitas vezes o ENEGI era o primeiro contato prático que os estudantes do curso de gestão da informação da UFPE tinham com a ciência que embasa a sua futura profissão e frequentemente era o local em que publicavam os seus primeiros trabalhos, mostrando-se um evento relevante em termos de debates e trocas de experiências; além de um incentivo à pesquisa acadêmica regional e nacional. Desse modo justifica-se a escolha do evento e especificamente, de artigos publicados em um de seus grupos temáticos (GTs), isto é o GT3.

2.4 Objetivos

2.4.1 Objetivo Geral

Mapear e analisar de forma qualitativa e quantitativa os artigos em GI e GC nas organizações, presentes no grupo temático – GT3 dos ENEGIs de 2010 a 2015.

2.4.2 Objetivos Específicos

- Compreender a produção acadêmica de artigos do grupo temático – GT3 (GI e GC nas organizações) do ENEGI (2010 a 2015) a partir do modelo de Burrell e Morgan (1979).
- Utilizar indicadores cientométricos para a geração de informações de autoria, e referências dos artigos do grupo temático – GT3 (GI e GC nas organizações) do ENEGI (2010 a 2015).

3. Fundamentação Teórica

O presente capítulo apresenta como proposta a fundamentação teórica que serviu para embasar o estudo realizado.

3.1 Dado, Informação e Conhecimento

As definições de dado, informação e conhecimento são os marcos conceituais para o entendimento da Gestão da Informação e do Conhecimento. Davenport e Prusak (1998) reconhecem a dificuldade de se definir, por exemplo, o termo informação isoladamente e reiteram que as tentativas de fazê-lo pela distinção com dado e conhecimento são nitidamente imprecisas. Sua proposta pode ser sintetizada no Quadro 1.

DADOS	INFORMAÇÃO	CONHECIMENTO
Simples observações sobre o estado do mundo: <ul style="list-style-type: none"> • Facilmente estruturado. • Facilmente obtido por máquinas. • Frequentemente quantificado. • Facilmente transferível. 	Dados dotados de relevância e propósito: <ul style="list-style-type: none"> • Requer unidade de análise. • Exige consenso em relação ao significado. • Exige necessariamente a mediação humana. 	Informação valiosa da mente humana, inclui reflexão, síntese e contexto. <ul style="list-style-type: none"> • Difícil estruturação. • Difícil captura em máquinas. • Frequentemente tácito. • Difícil transferência.

Quadro 1: **Dados, informação e conhecimento.**

Fonte: adaptado de Davenport e Prusak (1998).

Para Santos *et al.* (2001), dado constitui uma informação bruta, que sozinha é improdutiva, mas necessária para estruturar a informação. Já a informação organiza todos os dados existentes para transmitir um fluxo de mensagem que constrói e/ou reestrutura o conhecimento. Davenport e Prusak (1998, p.18) definem informação como “dados dotados de relevância e propósito”, sendo as pessoas que atribuem aos dados os atributos de relevância e propósito. Assim, pode-se afirmar que dados são importantes para uma organização, pois é através deles que a informação pode ser gerada. No entanto, o acúmulo de dados, não está necessariamente ligado ao sucesso da organização, ou seja, não significa que quanto mais dados a empresa possuir, melhor. Em outras palavras, caso não estejam organizados efetivamente e disponibilizados a todos os funcionários através de fácil acesso, a quantidade de

dados, ou de informações oriundas destes, tornam-se irrelevantes, uma vez que não se pode acessá-los com facilidade.

Davenport e Prusak (1998) acreditam ser possível transformar dado em informação pela agregação de valores de diversas maneiras e enumeram alguns métodos importantes, a saber:

- Contextualização: sabe-se qual a finalidade dos dados coletados.
- Categorização: conhecem-se as unidades de análise ou os componentes essenciais dos dados.
- Cálculo: os dados podem ser analisados matemática ou estatisticamente.
- Correção: os erros podem ser eliminados dos dados.
- Condensação: os dados podem ser resumidos para uma forma mais concisa.

Assim, pode-se afirmar que a informação apresenta significativa importância no apoio às estratégias e aos processos de tomada de decisão. Rezende e Abreu (2008) afirmam que a informação tem um valor significativo e pode representar poder para quem a possui, pois está em todas as atividades que envolvem pessoas, processos, sistemas e tecnologias. Os autores mencionados ainda complementam que o valor da informação é um conceito relativo, uma vez que nem todas as informações apresentam a mesma importância nos processos decisórios. Em outros termos, por mais importante que sejam as informações, caso não sejam comunicadas às pessoas certas, com conteúdo adequado e no momento necessário, podem perder o seu valor.

Oliveira *et. al.* (2014) defendem em seu estudo que a informação tem por finalidade mudar o modo como o destinatário vê algo, exercendo algum impacto sobre seu julgamento e comportamento. Quando isso acontece, o receptor da informação pode de acordo com suas motivações e crenças gerar conhecimento. E este é mais que a mera informação (MÜLLER-MERBACH, 2004). O conhecimento comprehende a personalidade de quem o possui, representando “a combinação de instintos, ideias, regras e procedimentos que guiam ações e decisões” (ALTER, 2002, p.70). Para Davenport e Prusak (1998), o conhecimento representa uma mistura de elementos estruturados existentes nas pessoas, por isso, a dificuldade de entender e prever, e modifica-se de acordo com as interações sociais do ser

humano com o ambiente. Assim o valor, as experiências, as interações sociais, as crenças do ser humano, integram o seu conhecimento. O que ele sente, enxerga e assimila, ao receber determinado estímulo ou informação depende de fatores intrínsecos ao seu ser.

Após apresentar algumas discussões no que se refere às definições do que seriam dados, informação e conhecimento, as sessões seguintes procuram aprofundar os conceitos relacionados à Gestão da Informação e a Gestão do Conhecimento.

3.2 Gestão da Informação

Devido a sua crescente importância para as organizações contemporâneas, a informação e o conhecimento tem recebido cada vez mais a atenção dos gestores, profissionais e pesquisadores. Por isso, diante de toda a demanda necessária à tomada de decisões, a obtenção e uso da informação tornam cada vez mais críticos os processos para o seu desempenho. Davenport e Prusak (1998) dizem que para tomar decisões realmente efetivas, é necessário um cuidado detalhado com a integridade, precisão, atualização, formas de interpretação e valor da informação. E Moody e Walsh (1999) ao analisarem a informação como um ativo organizacional relacionam as seguintes leis que definem a informação como um bem:

- A informação é infinitamente compartilhável;
- Seu valor aumenta com o uso, com a precisão e com a integração;
- É perecível;
- Mais informação não é necessariamente melhor;
- A informação se multiplica.

Para O'Brien (2004), a informação é transmitida de várias formas para os usuários e colocada à disposição através de produtos de informação apropriados. As pessoas desejam informações de alta qualidade, isto é, produtos de informação cujas características, atributos ou qualidades ajudam a torná-los valiosos para elas. Nesse sentido, o autor citado indica que é importante observar a informação como dotada de três dimensões: tempo, conteúdo e forma, que são apresentados no Quadro 2 a seguir:

Dimensão	Característica	Descrição
Dimensão do tempo	Prontidão	A informação deve ser fornecida quando for necessária.
	Atualização	A informação deve estar atualizada quando for fornecida.
	Freqüência	A informação deve ser fornecida tantas vezes quantas forem necessárias.
	Período	A informação pode ser fornecida sobre períodos passados, presentes e futuros.
Dimensão do Conteúdo	Precisão	A informação deve estar isenta de erros.
	Relevância	A informação deve estar relacionada às necessidades de informação de um receptor específico para uma situação específica.
	Integridade	Toda a informação que for necessária deve ser fornecida.
	Concisão	Apenas a informação que for necessária deve ser fornecida.
	Amplitude	A informação pode ter um alcance amplo ou estreito, ou um foco interno ou externo.
	Desempenho	A informação pode revelar desempenho pela mensuração das atividades concluídas, progresso realizado ou recursos acumulados.
Dimensão da Forma	Clareza	A informação deve ser fornecida de uma forma que seja fácil de compreender.
	Detalhe	A informação pode ser fornecida em forma detalhada ou resumida.
	Ordem	A informação pode ser organizada em uma seqüência pré-determinada.
	Apresentação	A informação pode ser apresentada em forma narrativa, numérica, gráfica ou outra.
	Mídia	A informação pode ser fornecida na forma de documentos em papel impresso, monitores de vídeo ou outras mídias.

Quadro 2: Dimensões da Informação.
Fonte: adaptado de O'Brien (2004).

Indubitavelmente como um bem, a informação precisa e pode ser gerenciada. Segundo o manual de Serviços de informação o IBICT/ TECPAR:

A atividade de gestão pode ser considerada como um conjunto de processos que englobam atividades de planejamento, organização, direção, distribuição e controle de recursos de qualquer natureza visando à racionalização e a efetividade de determinado sistema, produto ou serviço (COLLECTA, 1997).

Pode-se afirmar que todo o esforço de gestão busca melhorar a eficiência das atividades que envolvem uma organização. Uma gestão da informação eficiente evita que as informações críticas para competitividade organizacional deixem de ser exploradas, e que o volume excessivo de informações acabe ocultando informações importantes para a solução de problemas, ocasionando o desperdício de recursos, na obtenção e manutenção da informação sem utilidade (BEAL, 2009). Desse modo, comprehende-se, no presente trabalho, que a gestão da informação em ambientes organizacionais como sendo um conjunto de atividades que visa: obter um diagnóstico das necessidades informacionais; mapear os fluxos formais de informação nos vários setores da organização; prospectar, coletar, filtrar, monitorar, disseminar informações de diferentes naturezas, além de elaborar serviços e produtos informacionais, objetivando apoiar o desenvolvimento das atividades/tarefas cotidianas e o processo decisório nesses ambientes (VALENTIM, 2004).

Ademais, a gestão da informação envolve os estudos e as práticas gerenciais que permitem a construção, a disseminação e o uso da informação. Esse processo engloba a gestão de recursos informacionais e de conteúdos, a gestão de tecnologias da informação e a gestão das pessoas envolvidas nesses sub-processos (SOUZA; DIAS; NASSIF, 2011).

3.3 Gestão do Conhecimento

Davenport e Prusak (1998) afirmam em seu trabalho que o conhecimento representa uma mistura de elementos estruturados, existentes nas pessoas, por isso a dificuldade de entender e prever, além de se modificar de acordo com a interação do ser humano com o ambiente. Assim o valor, as experiências, as interações

sociais, as crenças do ser humano integram o seu conhecimento. O que ele enxerga, sente e assimila depende de fatores intrínsecos ao seu ser (SILVA; ALENCAR; FELL, 2015). E ainda, Nonaka e Takeuchi (1997) afirmam que o conhecimento organizacional pode ser dividido em dois tipos: o explícito e o tácito. O conhecimento explícito é passível de transmissão sistemática pela linguagem formal, podendo se basear em documentos, normas e procedimentos, ou ser passado por fórmulas, dados e planilhas. Ele é tangível, visível, de natureza objetiva daí pode ser facilmente identificado, mapeado, processado por um sistema de informação e transmitido ou armazenado em banco de dados.

Já o conhecimento tácito é altamente pessoal (natureza subjetiva e intuitiva) e não de propriedade da organização. Confunde-se com a experiência que o indivíduo tem da realidade por meio de suas ações, valores, intuições, emoções etc. Pela sua natureza intrínseca à cognição do indivíduo, este conhecimento é de difícil comunicação, formalização e consequente transmissão e armazenamento por qualquer mecanismo sistemático ou lógico de categorização e localização. O quadro 3 descreve as diferenças básicas entre esses dois tipos de conhecimento.

CONHECIMENTO TÁCITO (SUBJETIVO)	CONHECIMENTO EXPLÍCITO (OBJETIVO)
Conhecimento da experiência (corpo)	Conhecimento da racionalidade (mente)
Conhecimento simultâneo (aqui e agora)	Conhecimento seqüencial (lá e então)
Conhecimento análogo (prática)	Conhecimento digital (teoria)

Quadro 3 - Diferenças básicas entre os tipos de conhecimento.

Fonte: Nonaka e Takeuchi (1997, p. 67).

Para Nonaka, Toyama e Konno (2000), apesar de toda uma recente discussão sobre a gestão baseada no conhecimento, há muito pouco entendimento sobre como as organizações efetivamente criam e administraram o conhecimento. Existe falta de compreensão sobre o seu processo de criação. Tal criação de conhecimento organizacional acontece pela interação entre os conhecimentos tácito e explícito, quando o primeiro deixa de pertencer ao indivíduo e passa a pertencer ao grupo ou organização, gerando uma espiral de conhecimento (SILVA; ALENCAR; FELL, 2015), como pode ser observado na figura 1:

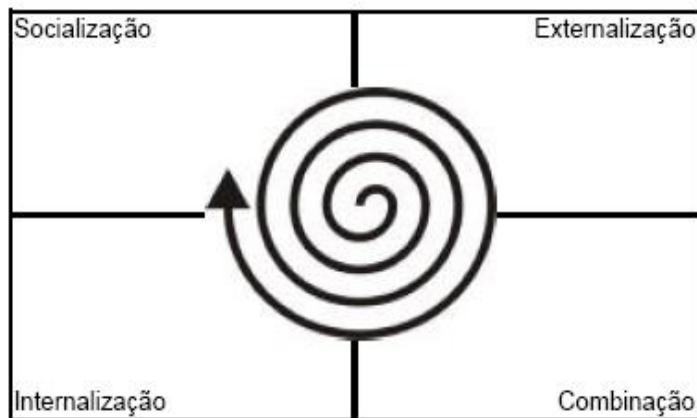


Figura 1 – Espiral do conhecimento.

Fonte: adaptado de Nonaka e Takeuchi (1997).

Ainda segundo Nonaka e Takeuchi (1997), a diferenciação entre conhecimento tácito e conhecimento explícito permite a elaboração de quatro padrões para a criação do conhecimento organizacional que compõe a figura 2 a seguir:

- **Socialização (do tácito para o tácito).** Consiste no compartilhamento de experiências e consequente criação de conhecimento tácito. Neste caso, o indivíduo pode adquirir o conhecimento tácito diretamente de outro indivíduo através da linguagem, ou através da observação, imitação e prática.
- **Externalização (do tácito para o explícito).** No contexto organizacional, diz respeito à transformação do conhecimento tácito em explícito por meio do uso de modelos que auxiliam na comunicação de conhecimentos tácitos, normalmente difíceis de serem verbalizados.
- **Combinação (do explícito para o explícito).** Esse modo de criação de conhecimento envolve a combinação de diferentes conjuntos de conhecimento explícito. Nas organizações, os indivíduos trocam e combinam conhecimentos explícitos através de meios como documentos, conversas ao telefone, reuniões ou tecnologia da informação.
- **Internalização (do explícito para o tácito).** Diz respeito ao processo de incorporação do conhecimento explícito no conhecimento tácito, apresentando forte relação com o aprender fazendo (*learning by doing*). Em outros termos, permite que o conhecimento explícito aprendido seja

internalizado sob a forma de *know-how* técnico compartilhado (conhecimento operacional).

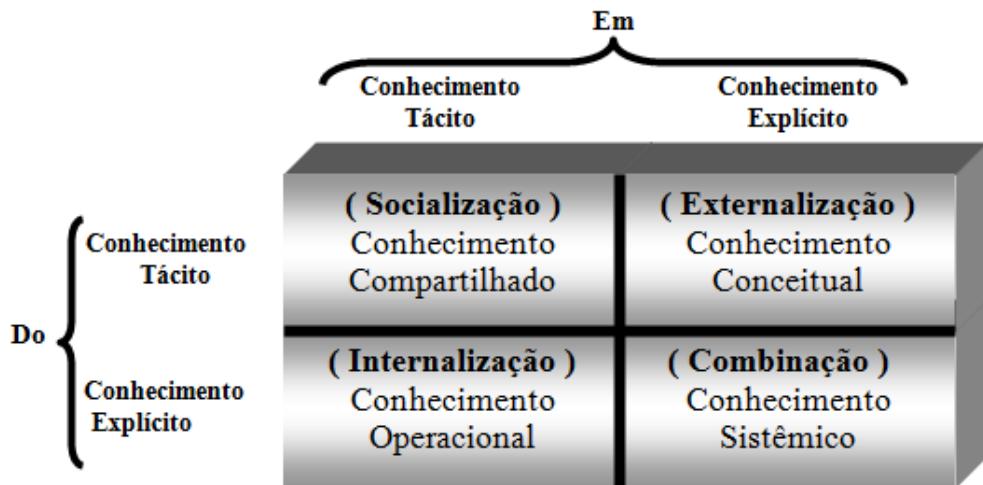


Figura 2 – Conteúdo do conhecimento criado pelos quatro modos.

Fonte: adaptado de Nonaka e Takeuchi (1997, p. 81).

Para Nonaka e Takeuchi (1997) existem duas dimensões da criação do conhecimento: uma epistemológica e outra ontológica. Na primeira se encontram o conhecimento explícito e o conhecimento tácito; na segunda, existe a premissa de que o conhecimento só pode ser criado pelo indivíduo, para então ser sucessivamente ampliado pela rede de interações, podendo se tornar caracterizada como grupal, organizacional ou interorganizacional.

Por sua vez, Oliveira Jr.(1999) em seus estudos, observou que assumindo o pressuposto de que o sucesso da empresa está baseado em sua capacidade de criar e transferir conhecimento de forma mais eficaz que seus competidores; o ponto de partida significativo para obter um resultado competitivo pode ser, o entendimento dos mecanismos pelos quais o conhecimento pode ser criado e transferido. Recentemente, Grando (2012) percebeu que hodiernamente, mais do que nunca, é preciso otimizar o uso dos recursos das empresas, incluindo os principais que estão relacionados ao capital intelectual. Com a gestão do conhecimento, a organização trabalha melhor o seu capital intelectual, usando o conhecimento para facilitar a

tomada de decisões e proporcionando maior agilidade ao fluxo de informações e, consequentemente, a redução dos custos.

Deste modo, parece razoável notar que a razão principal para a implantação da gestão do conhecimento é garantir a passagem do conhecimento tácito para explícito, garantindo que o ciclo de inovação continue existindo. Por outro lado, tem-se como um dos grandes desafios às organizações na atualidade o de como acessar, organizar, utilizar e compartilhar a informação, com o objetivo de construir conhecimento e como aplicá-lo à inovação e ao desenvolvimento social (SANTOS, et, al., 2013). Além disso, a gestão do conhecimento tem apresentado uma grande relevância para o planejamento e tomada de decisões estratégicas. Dando suporte ao planejamento estratégico na busca e manutenção da competitividade no mercado. O objetivo é capacitar colaboradores através do conhecimento, sendo este uma das maiores riquezas de uma organização.

Diante do exposto, percebe-se que o sucesso no processo de inovação contínua consiste em saber gerenciar bem o conhecimento, transformando o conhecimento pessoal em conhecimento organizacional (SILVA; ALENCAR; FELL., 2015). Presentemente, a gestão do conhecimento será considerada como:

(...) o esforço sistemático e intencional da organização de procurar desenvolver atividades responsáveis por gerar, transferir, compartilhar, armazenar e utilizar de forma eficiente o conhecimento que circula dentro dela, de modo a poder incorporá-lo às estratégias, sistemas, processos, decisões, produtos e serviços (FELL, 2011, p.45).

3.4 O Modelo de Burrell e Morgan

Segundo Burrell e Morgan (1979), ao escrever um artigo, todo pesquisador manifesta uma tendência por características que permeiam debates epistemológicos, ontológicos, metodológicos e da natureza humana, mesmo que de maneira inconsciente. Ademais, os autores citados observaram que “todas as teorias das organizações são baseadas em uma filosofia da ciência e uma teoria da sociedade” (BURRELL; MORGAN, 1979, p.1).

Ao todo, tais características refletem um conjunto de pressupostos-chave sobre a natureza do mundo social e da maneira como ele deve ser investigado. A seguir, o quadro 04 descreve graficamente essas pressuposições:

Dimensões Subjetivas/objetivas			
A abordagem subjetivista das ciências sociais		A abordagem objetiva das ciências sociais	
Nominalismo	←	Ontologia	→ Realismo
Anti-Positivismo	←	Epistemologia	→ Positivismo
Voluntarismo	←	Natureza Humana	→ Determinismo
Ideográfico	←	Metodologia	→ Nomotético

Quadro 4 – Esquema de pressupostos analisados sobre a natureza das ciências sociais.

Fonte: adaptado de Burrell e Morgan (1979).

O conteúdo do quadro 4 é detalhado no quadro 5 a seguir:

	Subjetivo	Objetivo
Proposições Ontológicas:	A realidade é interpretada via o indivíduo. É construída socialmente (nominalismo).	A realidade é externa ao indivíduo. É "dada" (realismo).
Proposições Epistemológicas:	O conhecimento é relativo. Os investigadores devem focalizar no significado e examinar a totalidade de uma situação (anti-positivismo).	Os investigadores devem focalizar nas evidências empíricas e no teste de hipóteses, procurando leis fundamentais e relacionamento causal (positivismo).
Proposições sobre a natureza humana:	Os seres humanos possuem a vontade livre e têm autonomia (voluntarismo).	Os seres humanos são produtos de seus ambientes (determinismo).
Proposições Metodológicas:	A compreensão do mundo é feita melhor pela análise subjetiva de acordo com a uma situação ou dos fenômenos (ideográfico)	Operacionalização e a construção de medidas, junto com técnicas de análises quantitativas e testando hipótese, cujo desejo é descobrir leis universais que explicam e governam a realidade (Nomotético).

Quadro 5 – Pressuposições sobre a natureza da ciência social.

Fonte: Adaptado de Burrell e Morgan (1979) e Goles e Hirschheim (2000).

Já no quadro 6 estão os pressupostos quanto à natureza da sociedade:

Regulação	Mudança Radical
A sociedade tende para a unidade e a coesão.	A sociedade tem uma estrutura profunda e conflitante.
As forças da sociedade mantêm o estado atual.	A sociedade tende a oprimir e constringer os seus membros.

Quadro 6 – Pressuposições sobre a natureza da sociedade.

Fonte: adaptado de Burrell e Morgan (1979) e Goles e Hirschheim (2000).

A partir do exposto, o presente estudo, teve como objetivo analisar os artigos a partir deste prisma, buscando perceber quais as correntes de pensamento

predominantes, assim como o quanto divergem ou convergem linhas de pensamentos dos autores, presentes no grupo temático GT3 (Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações) dos ENEGIs de 2010 a 2015.

Separadas pelos pressupostos sobre a natureza da ciência e sobre a natureza da sociedade, duas são as dimensões propostas por Burrell e Morgan (1979), para a primeira natureza: subjetiva – objetiva; para a segunda: regulação – mudança social. Ao realizar um cruzamento, entre essas possibilidades, obtêm-se os quatro paradigmas: Humanista Radical, Estruturalista Radical, Interpretativo, Funcionalista, em uma matriz 2 x 2, cada qual pertencendo a uma dimensão de natureza da ciência e outra de natureza da sociedade. A figura seguinte ilustra a relação das dimensões polarizadas e os paradigmas.

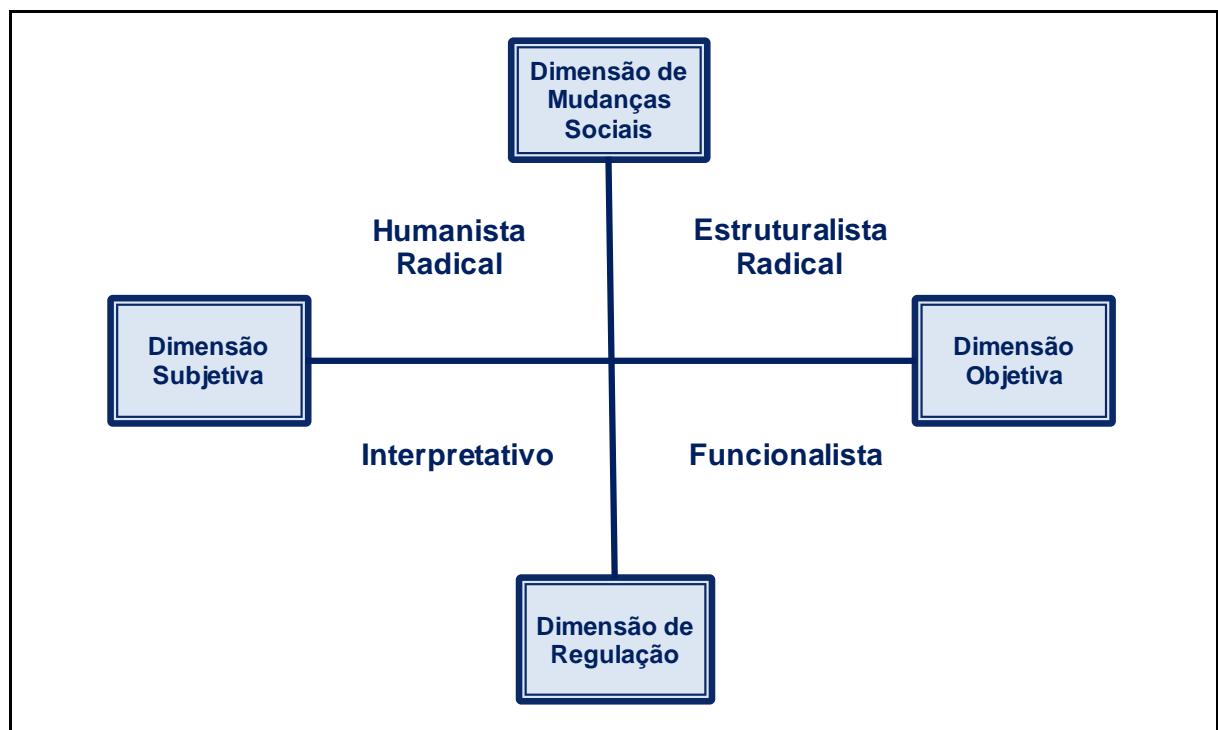


Figura 3 – Matriz 2x2 dos Paradigmas de Burrell e Morgan.

Fonte: adaptado de Burrell e Morgan (1979).

A análise dos artigos dos ENEGIs de 2010 a 2015 aconteceu a partir dos paradigmas de Burrell e Morgan (1979). Acima, o quadro 7 a seguir busca explicitar as características de cada um dos quatro grupos de paradigmas, nos quais os artigos foram passíveis de categorização.

Paradigmas	Características	Descrição
Humanista Radical	Subjetivo e radical	Compreende a ordem social como mecanismo de coerção, e considera que o homem perde o seu papel enquanto ser autônomo; daí a busca por maneiras de modificar a realidade.
Estruturalista Radical	Objetivo e radical	Vai de encontro ao modelo de controle coercitivo presente nas organizações, mas apresenta uma concepção materialista do mundo social.
Interpretativo	Subjetivo e regulador	Desafia a existência de uma certeza e utiliza métodos qualitativos para suas investigações, colocando o indivíduo com elemento-chave dos seus estudos, mas mantém preocupação com a regulação social.
Funcionalista	Objetivo e regulador	Apresenta elementos científicos pragmáticos e de generalização, buscando a manutenção do <i>status quo</i> .

Quadro 7 – Paradigmas de Burrell e Morgan e suas características.

Fonte: Baseado em Rodrigues Filho (1998).

4. Objeto de Estudo: Anais do ENEGI (2010 a 2015)

O objeto estudado tem a sua importância definida à medida que delimita e orienta as ações da pesquisa. Para tanto, faz-se necessário delimitar claramente o objeto escolhido e suas características, justificando a presente sessão.

4.1 Origem e Importância do ENEGI

O ENEGI, Encontro de Estudos sobre Tecnologia, Ciência e Gestão da Informação, foi criado em 2010 e até o ano de 2015, foi realizado anualmente no campus Recife da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O evento era promovido pelo Departamento de Ciência da Informação (DCI), sob a responsabilidade do coordenador do curso de Gestão da Informação; sendo gerido pela Infoco Consultoria Júnior – organização formada por alunos do curso de Gestão da Informação da UFPE.

Em sua última versão, o ENEGI cumpriu a agenda de seu 6º evento, sob a temática: “Informação e mercado de trabalho: como a gestão da informação vem modificando a realidade das organizações.” O ENEGI tinha como finalidade a criação de um espaço de debates para as pesquisas e estudos relacionados à temática da Gestão da Informação, relacionando profissionais e estudantes dos níveis de graduação e pós-graduação, da área da Gestão da Informação bem como de áreas correlatas. Devido ao que foi exposto, o ENEGI pode ser considerado um evento relevante à pesquisa acadêmica nacional bem como para a divulgação do curso de Gestão da Informação em nível regional e nacional, tendo em vista se tratar de um curso relativamente recente.

4.2 Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações

Para estimular diversas discussões acerca dos temas pertinentes tanto aos campos da Gestão da Informação, como também às áreas correlatas, como Administração, Ciência da Informação, Comunicação e Tecnologia, o ENEGI oferecia os chamados grupos temáticos (GTs), em número de 07 (sete), e a Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações estavam classificadas no GT3; mas no primeiro evento em 2010 houve a divisão em 09 (nove) GTs e o mesmo tema estava classificado no GT4. Pelo quadro 8, é possível observar que o presente estudo analisou 41 artigos acadêmicos referentes ao grupo temático Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações.

Esta pesquisa está delimitada pelo intervalo de 2010 até 2015, isto é, a partir do ano de criação do evento até o seu último evento. No quadro 8 a seguir, pode-se observar alteração quanto ao grupo bem como a quantidade de artigos de tal natureza em cada ano, desde a criação do ENEGI em 2010.

Ano	Grupo Temático	Tema de Interesse	Nº de Artigos
2010	GT4	Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	9
2011	GT3	Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	7
2012	GT3	Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	9
2013	GT3	Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	5
2014	GT3	Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	7
2015	GT3	Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações	4

Quadro 8 - Grupos Temáticos da Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações do ENEGI. Fonte: Baseado nos Anais do ENEGI (2010 a 2015).

5. Procedimentos Metodológicos

Nos itens a seguir, serão apresentados os métodos aplicados e como foram realizadas a coleta e a análise dos dados da pesquisa. O tipo de pesquisa realizada, bem como o progresso da mesma, consta resumidamente na figura 4 a seguir e será detalhada nos tópicos que estão por vir.



Artigos analisados: Os presentes no tema Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações dos ENEGIs (2010 a 2015).

Figura 4 – Procedimentos metodológicos.

Fonte: adaptado de Gomes (2013).

5.1 Método de Pesquisa

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva que utiliza métodos qualitativos e quantitativos. Burrell e Morgan (1979) em seu trabalho *Sociological paradigms and organizational analysis* desenvolveram uma metodologia para análise de artigos organizacionais baseados na proposição de que os pressupostos da natureza da ciência de um artigo da área podem ser predominantemente subjetivos ou objetivos e que os pressupostos da natureza da sociedade podem ser classificados, de forma predominante, como reguladores ou transformadores. Investigar estes pressupostos e categorizar os artigos, em um dos quatro paradigmas indicados pelos autores supracitados foi considerado uma forma de contribuir qualitativamente no mapeamento da produção estudada (GOMES, 2013).

Quanto à análise quantitativa, o método adotado foi o bibliométrico de análise de citações, com o intuito de determinar e avaliar sob a perspectiva do ENEGI quais foram os temas mais trabalhados, quais são os autores mais expressivos, quais foram os autores mais referenciados e, por fim, quais são aqueles que fundamentam as ideias de outros, nas edições do ENEGI 2010 a 2015.

Um dos métodos mais utilizados na bibliometria é o de análise de citações. Ele procede ao exame de frequência, padrões e gráficos de citações em artigos e livros (GARFIELD, 1983; RUBIN, 2004). Ele usa as citações em trabalhos acadêmicos para a percepção das ligações com outros trabalhos ou outros pesquisadores, caso existam, e permite avaliar os pesquisadores, as publicações, as instituições de pesquisa, bem como o desenvolvimento histórico da ciência e da tecnologia (GOMES, 2013).

Ademais, a parte quantitativa empregou como material de pesquisa 1158 referências bibliográficas, as quais foram coletadas de 41 artigos publicados no grupo temático denominado GT3 – Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento nas organizações das 06 (seis) últimas edições do ENEGI.

Com o intuito de melhor visualizar e entender as bases de informação, a produção de novos conhecimentos e a estruturação teórica de área, foi tratado como variável os autores mais citados. Para análise estatística dos dados, foi desenvolvida uma planilha por meio do software Microsoft Excel. Cada registro possuía os campos: 1: Relativos ao ENEGI: evento, ordem do artigo, título e nomes dos autores; conforme quadros 9, 10 e 11 a seguir.

2- Relativos aos documentos citados: nome do autor citado, título do documento citado e data de publicação do documento citado.

ENEGI	Nº	Título	Autores
ENEGI I (2010)	1	O E-Legislativo como ferramenta de transparéncia na administração pública brasileira: um estudo de caso.	Rômulo José de Oliveira Zurra João Bosco Lissandro Reis Botelho
	2	O conceito de portais corporativos de conhecimento nas universidades públicas brasileiras.	Olival de Gusmão Freitas Júnior André Luiz Pereira Domarques de Menezes Victor Diogho Heuer de Carvalho
	3	A contribuição da tecnologia da informação para a gestão do conhecimento em pequenas e médias empresas da região metropolitana do Recife.	André Felipe de Albuquerque Fell
	4	O setor público rumo à gestão do conhecimento: um estudo na Universidade Federal de Pernambuco.	Bárbara Camila Bomfim de Souza Daniele Maria Vieira do Nascimento Ytauana Karine de Lima
	5	Reflexões que antecederam à criação de um sistema de informação na perspectiva da gestão educacional.	Nadi Helena Presser
	6	Contribuições da certificação de qualidade para melhoria de processos do software brasileiro (MPS.BR): a implementação da MPS.BR em uma empresa pernambucana.	Guilherme Alves de Santana Gimene Cunha Rodrigues Alice Cristina do Sacramento
	7	A gestão da informação na logística estratégica: a construção da vantagem competitiva, através da consultoria interna para a automação dos processos logísticos na empresa Radiauto Ltda.	Marília Gomes Gustavo Henrique de Aragão Ferreira
	8	Expectativas de usuários: uma contribuição à gestão da biblioteca Gilberto Freyre.	Patricia Vieira do Bomfim Maria Cristina Guimarães Oliveira
	9	Gestão do conhecimento: o diferencial estratégico para o desenvolvimento de uma organização.	Jose Aniceto de Lima Pietro Otávio Santiago da Silva
ENEGI II (2011)	10	Gestão da informação nas organizações: um estudo de caso em uma empresa incubada.	Maria José da Silva Feitosa José Márcio Nogueira Feitosa
	11	Informação e Competitividade: A Gestão da Informação em Empresas do setor de confecções do Estado de Goiás.	Suely Gomes Cristiane Vieira dos Santos
	12	Estudo Sobre o Comércio Eletrônico: Um Enfoque Baseado no Comportamento de Compra de Acadêmicos Na Região Metropolitana do Recife.	Ivana Neves Gonçalves Guilherme Alves de Santana André Felipe de Albuquerque Fell
	13	Imagen Organizacional da Biblioteca Pública.	Maria Cleide Rodrigues Bernardino Emir José Suaiden
	14	O Uso da Tecnologia da Informação para a Gestão da Informação e a Gestão do Conhecimento nas Organizações.	André Felipe de Albuquerque Fell Bruno Silvestre Silva de Souza Gustavo Henrique de Aragão Ferreira
	15	A Importância dos Sistemas de Informação no Apoio à Decisão.	Edison de Azevedo Filho Edelvino Razzolini Filho
	16	Um Estudo da Organização do Conhecimento: o caso da Fcap Jr. Consultoria.	Wilma Olegário Pereira da Costa

Quadro 9: Autores do ENEGI (A)

Fonte: Elaboração própria.

ENEGI		Titulo	Autores
ENEGI III (2012)	17	Os caminhos da gestão da informação no Brasil: uma retrospectiva do ENANCIB a luz da produção científica do GT4 de 1994-2009.	Agenor Leandro de Sousa Filho Ana Karolyne Nogueira Sousa Maria Danyelly da Silva Sousa Irma Gracielle Carvalho de Oliveira Souza
	18	Ciência da informação, administração e gestão da informação: histórias, evoluções e relações teóricas.	Alexander Willian Azevedo
	19	Visão organizacional da biblioteca pública Governador Menezes Pimentel.	Ana Rafaela Sales de Araújo Aryanna da Costa Amorim Rebecca Maria de Freitas Sousa
	20	Alienação no trabalho: (re)visitando o conceito na atual era da informação e do conhecimento.	Bruno Machado Trajano Marcela Lino da Silva Mitsuo André Vieira Fukahori André Felipe de Albuquerque Fell
	21	Gestão de documentos em ambiente universitário: um relato de experiência.	Edilene Maria Silva Eline Maria Cavalcante dos Santos Elias Roberto Alves Ana Carolina Correia Sobral
	22	A competência informacional na gestão de bibliotecas universitárias.	Josyane Moreno
	23	Críticas a gestão do conhecimento nos sistemas de bilhetagem eletrônica no Brasil.	Maria Iraê de Souza Corrêa Kennedy Richard Silva Guerra Cédrick Cunha Gomes Silva Sérgio Carvalho Benicio de Mello
	24	Quem disse que interpretação organizacional é apenas para grandes empresas? Um estudo em uma microempresa de base tecnológica.	Maria José da Silva Feitosa José Márcio Nogueira Feitosa
	25	A realidade da gestão da biblioteca pública de Juazeiro do Norte - CE: Um descaso com a população da região.	Maria Paloma da Costa Ana Paula Lucio Pinheiro Ana Cleide Lucio Pinheiro Deise Santos do Nascimento
	26	Um estudo introdutório sobre a mineração de textos como ferramenta de apoio à decisão.	José Renato da Silva Araújo Marcela Lino da Silva Vaneide Terezinha da Silva Oliveira André Felipe de Albuquerque Fell
ENEGI IV (2013)	27	Gestão da informação contábil: Contribuição da simulação de Monte Carlo na geração de informações estratégicas para auxílio ao processo decisório.	Luis Fernando Conduta Marlene de Fatima Campos Souza
	28	Contribuições dos conhecimentos tácito e explícito como elementos intervenientes no processo decisório dos professores na academia Hype.	Helena Nunes Silva Fernando Rigo Botelho Caroline Maestri Albini Letícia Yuriko Hoshiguti
	29	Critérios de avaliação para arquitetura de segurança da informação em organizações.	Arnaldo Alves Ferreira Júnior Carminda de Aguiar Pereira
	30	Gestão do conhecimento como ferramenta para socializar informações nas entidades de saúde.	Valdete Honorato dos Santos

Quadro 10: Autores do ENEGI (B)

Fonte: Elaboração própria.

ENEGI		Título	Autores
ENEGI V (2014)	31	Inidicadores de qualidade como intrumento de gestão: um estudo de caso no Restaurante Universitário da UFPE.	Mariana Alves Diego Salcedo
	32	Competência informacional e BIG DATA: Contribuição estética para profissional da informação.	Marcia Lyra Hugo Cavalcanti
	33	Qualidade em serviços: suas definições, conceitos e características de qualidade no ambiente de serviço.	Taysa Carolina da Costa Ribeiro Ana Regina Paixão Silva
	34	Gestão da inovação: relações com gestão do conhecimento, compartilhamento informacional e propriedade intelectual.	Tiago Melo
	35	Utilização de Business Process Management Notation (BPMN) para a definição do fluxo de informação relativo ao serviço de carteiras de vacinação.	Fabiola de Souza Queiroz Amanda Maria de Almeida Nunes Célio Andrade de Santana Júnior
	36	Gerenciamento informacional em organizações: uma análise sobre o modelo de gestão da informação proposto por Davenport (2001).	André Anderson Cavalcante Felipe Marcio Aercio Silva Bandim
	37	Organização não governamental (ONG) e gestão do conhecimento: Uma experiência relativa ao gerenciamento de conhecimentos desenvolvidos na ong "pé no chão".	Wladimir Farias Tenório Filho André Anderson Cavalcante Felipe
	38	A importância da gestão do conhecimento no planejamento estratégico das organizações.	Maria Carolina de Lima e Silva Fábio de Lima Alencar André Felipe de Albuquerque Fell
	39	Mapeamento de processos de negócios: estudo de caso na Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco.	Wladimir Tenório Filho André Anderson Cavalcante Felipe Mirtysiula Cadengue Lopes
ENEGI VI (2015)	40	Impacto de bibliotecas escolares no processo de ensino-aprendizagem de alunos do ensino médio: um estudo de usuários da biblioteca do centro de educação integrada.	Jessica Valesca Toscano Pereira Judson Daniel Oliveira da Silva Rosa Milena dos Santos Pedro Alves Barbosa Neto
	41	O uso de indicadores como suporte à tomada de decisão organizacional: um estudo introdutório.	Camila Pereira André Felipe de Albuquerque Fell

Quadro 11: Autores do ENEGI (C)

Fonte: Elaboração própria.

Também foi analisada a instituição de origem do pesquisador. Nesta sessão buscou-se identificar o vínculo profissional ou acadêmico dos autores. Na ausência dessas informações, nos artigos publicados foi realizada uma busca no sistema de currículos da Plataforma Lattes, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Com a finalidade de identificar o vínculo dos autores dos artigos, foi estabelecido como critério, a instituição a que o autor é vinculado. Caso este tenha alguma atividade profissional em uma instituição e realize estudos em instituição diferente, considerou-se para fins de análise a instituição onde o autor tinha vínculo empregatício. Nesta pesquisa, os termos referências e citações foram usados como sinônimos, não havendo intenção de uma diferenciação terminológica.

5.2 Coleta dos dados

O nome dos autores de cada artigo foi extraído manualmente e registrado, por ano de publicação e por artigo, em tabelas do software *Microsoft Excel*, para que pudessem ser classificados, analisados e tratados de modo que fosse possível o registro da frequência dos mesmos.

Após a extração inicial dos dados, foi realizada a análise da predominância das características estudadas por Burrell e Morgan (1979), e o seu enquadramento em um dos seus quatro paradigmas. Não houve a pretensão de se enquadrar os artigos analisados de forma definitiva em nenhum dos paradigmas, apenas houve a expectativa de se observar a existência de grupo de artigos, com características predominantes de pesquisa.

Ao que se refere aos autores referenciados nos artigos, foi realizada a extração das referências de todos os artigos analisados, em arquivo de *Microsoft Word*, um arquivo para cada ano. As informações foram tratadas, através da padronização, uma vez que há diferentes formas de apresentar as referências de uma pesquisa. Posteriormente, a classificação e a contagem foram realizadas no software *Microsoft Excel* que possui como característica a possibilidade de armazenar cada edição do evento em uma pasta diferente dentro do mesmo arquivo, conforme figuras 5 e 6 que apresentam a imagem do software e as respectivas pastas dos anos analisados. A padronização foi realizada através do uso do sobrenome do autor referenciado em letras maiúsculas e de todos os seus prenomes abreviados.

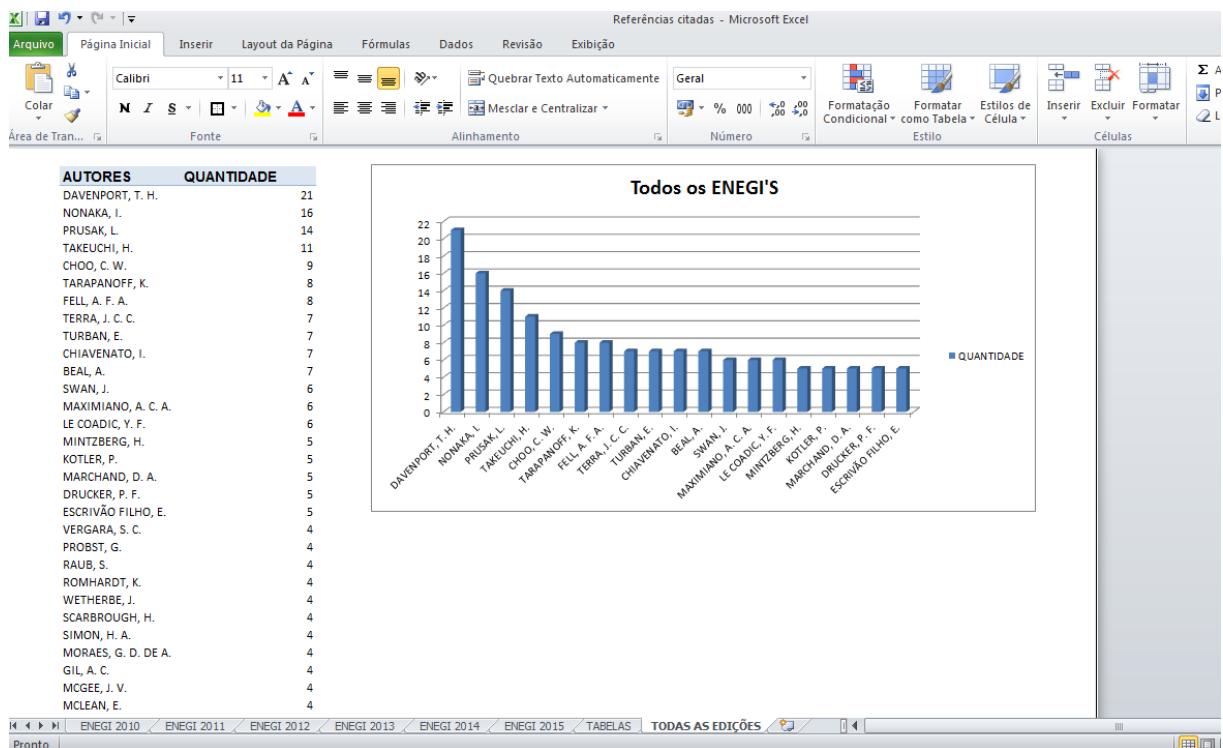


Figura 5 – Tratamento e padronização dos nomes dos autores em software Microsoft Excel
Fonte: Elaboração própria

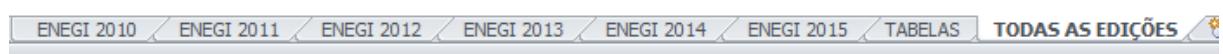


Figura 6 – Recorte das pastas criadas em arquivo do software Microsoft Excel durante o tratamento e padronização dos nomes dos autores
Fonte: Elaboração própria.

Com estes resultados e com os arquivos tratados previamente, foi realizada a separação dos autores citados em relação à quantidade de artigos nos quais eles apareciam. Com a soma do quantitativo por ano, obteve-se o quantitativo geral de todas as edições do ENEGI.

5.3 Análise de Dados

No que se refere à análise e classificação paradigmática, após a leitura integral do artigo, foram registradas as suas principais características ontológicas e epistemológicas, bem como o seu foco no objetivismo ou subjetivismo. A partir destes registros, foi realizada a categorização em um dos paradigmas que apresentasse as mesmas características identificadas. Em seguida, eram

registradas em tabela do software *Microsoft Excel*, na qual também estava registrado o ano de publicação.

Os demais dados coletados foram analisados com base em indicadores cientométricos. Courtial (1990) define cientometria como sendo a generalização de técnicas biométricas. Em outras palavras, a contagem não só de tudo o que pode entrar em uma biblioteca, como também citações recebidas pelos documentos, quantidade de pesquisadores, instituições de ensino entre outras atividades com a finalidade de gerir a atividade de pesquisa. E para Santos e Kobashi (2009), a cientometria preocupa-se com a dinâmica da ciência, como atividade social, tendo como objetos de análise a produção e o consumo da produção científica. Esta técnica foi usada neste trabalho para aplicação de estudo quantitativo e análises estatísticas, realizadas com o auxílio do software *Microsoft Excel*. Os resultados obtidos serão apresentados na próxima seção.

Ainda foram utilizados como critérios para uma análise mais consistente da influência dos autores referenciados, a quantidade de referências por autor em todos os artigos. Deste modo, foram mapeados os autores com maior número de referências, o que poderia destacar uma maior diversidade de obras significativas para a gestão da informação e do conhecimento nas organizações, utilizadas pelos autores dos trabalhos publicados nos eventos.

É preciso destacar que sendo um dos focos do estudo, conhecer os autores mais produtivos da área, aqueles pesquisadores que apareciam identificados como editores e organizadores, por exemplo; mas que não eram apresentados como os autores responsáveis pelas informações referenciadas, não foram considerados nas análises. Além disso, empresas, fundações, instituições ou qualquer tipo de delegação jurídica que não constituísse um autor, como indivíduo, também foram desconsiderados na fase das análises.

6. Análise dos Resultados da Pesquisa

Os resultados da pesquisa buscaram responder aos objetivos específicos propostos, evidenciando as descobertas bem como as inferências que foram realizadas a partir dos 41 artigos pesquisados, disponíveis no GT3 Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações dos ENEGIs nos anos de 2010 a 2015.

6.1 Análise dos Paradigmas de Burrell e Morgan

Através das análises realizadas, foi possível constatar uma presença maior do paradigma interpretativo, sendo tal perspectiva presente em quase metade da produção acadêmica estudada (46% dos artigos); seguido pelo paradigma humanista radical, com 29% de representatividade dentro dos artigos pesquisados. A maior ocorrência de paradigmas de cunho interpretativista e humanista radical apontam que o foco da abordagem dos autores que se enquadram na categoria GT3 tem sido o subjetivismo. Dessa maneira, buscam estudar os problemas de pesquisa a partir de entrevistas, geralmente semi-estruturadas, com a intenção de descobrir o que os indivíduos têm a dizer sobre a sua realidade. Contrastando com a maneira objetiva em que se baseiam, geralmente, os estudos organizacionais, que tendem a encarar o ser humano como parte da engrenagem que garante o funcionamento da organização (GOMES, 2013). Notou-se ainda que os artigos tem como meios de pesquisa: estudos de caso, pesquisas ação, etnográficas, questionários com o emprego de técnicas qualitativas, análises descritivas, nas quais, o principal instrumento de investigação acaba por se tornar, o investigador, por se tratar de um ser participante da pesquisa.

O paradigma Estruturalista Radical foi o terceiro mais empregado, observado em 20% dos artigos e o Funcionalista com 5% dos artigos analisados. O gráfico 1, a seguir, ilustra a frequência identificada de cada um deles no total de artigos estudados.

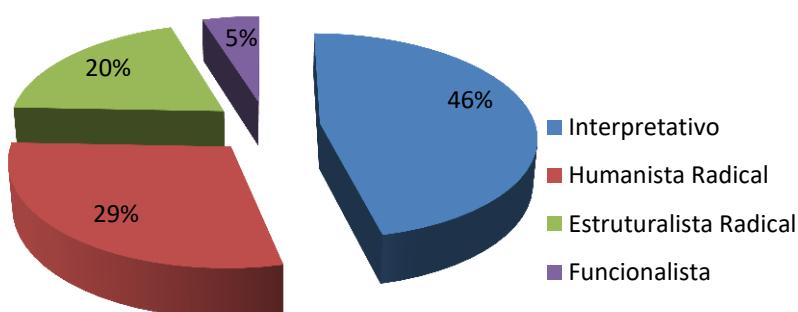


Gráfico 1 – Enquadramento da produção estudada nos Paradigmas de Burrell e Morgan.

Fonte: Elaboração própria.

Outro aspecto analisado foi à frequência dos paradigmas no decorrer das edições do evento (gráfico 2). Apesar de ser observado que a produção do GT3 tenha caído quantitativamente ao longo dos anos, quando se compara a quantidade de artigos publicados entre a primeira e a última edição; o paradigma interpretativo teve queda gradativa de frequência, visto que nos dois primeiros anos somava 11 artigos e nos dois últimos, este número caiu para 3. O Humanista Radical neste mesmo período, por exemplo, neste último biênio apresentou 4 artigos e aparece como o paradigma mais abordado.

O estudo mostra uma mudança no comportamento das pesquisas ao longo dos anos, uma vez que o paradigma interpretativo não procura diretamente a mudança na organização, conforme os autores Burrell e Morgan (1979) já haviam descrito em suas pesquisas sobre o paradigma interpretativo:

Até o momento existe apenas um pequeno número de tentativas de se estudar os conceitos e as situações organizacionais a partir deste ponto de vista, o paradigma não tem gerado muitas teorias sobre as organizações se comparada a outros paradigmas (BURRELL; MORGAN, 1979, p. 31-32, tradução livre).

Observa-se, portanto, que outros paradigmas passam a ser identificados, quando ocorre o desenvolvimento de abordagens de cunho mais objetivo.

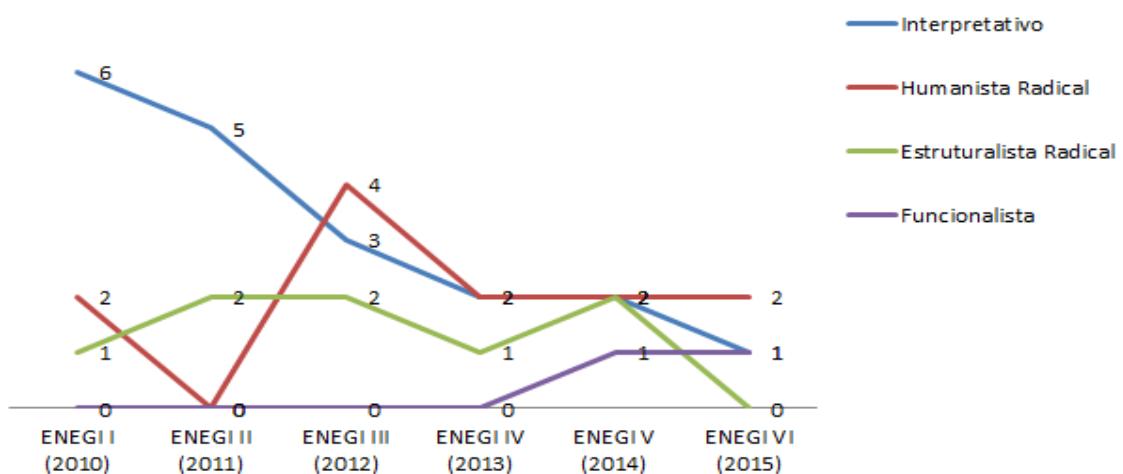


Gráfico 2 – Ocorrência dos Paradigmas de Burrel e Morgan ao longo dos seis edições do evento.

Fonte: Elaboração própria.

6.2 Informações de Autoria

Entre os 08 autores que apresentaram mais de uma publicação na categoria Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações, considerando as seis edições do ENEGI, dois são professores da instituição que organiza o evento (UFPE), André Felipe de A. Fell e André Anderson C. Felipe, um doutor e o outro doutorando com sete e três publicações, respectivamente; seguidos de alguns autores empatados com duas publicações: 03 deles, Gustavo Henrique de A. Ferreira, Jose Maurício N. Feitosa e Maria José da S. Feitosa que possuem o título de mestre, sendo os dois primeiros em Ciência da Informação pela UFPE, e o terceiro com mestrado em Administração. Tem-se ainda o autor Guilherme A. de Santana que possui o título de mestre em ciência da informação, Marcela Lino da Silva que concluiu o mestrado na referida instituição, e por fim Wlademir F. Tenório Filho que é bacharel em Administração. Tais constatações reforçam o caráter acadêmico do evento. Abaixo o gráfico 3 ilustra os autores com mais de um artigo publicado, dentre as seis edições do ENEGI (2010 a 2015).

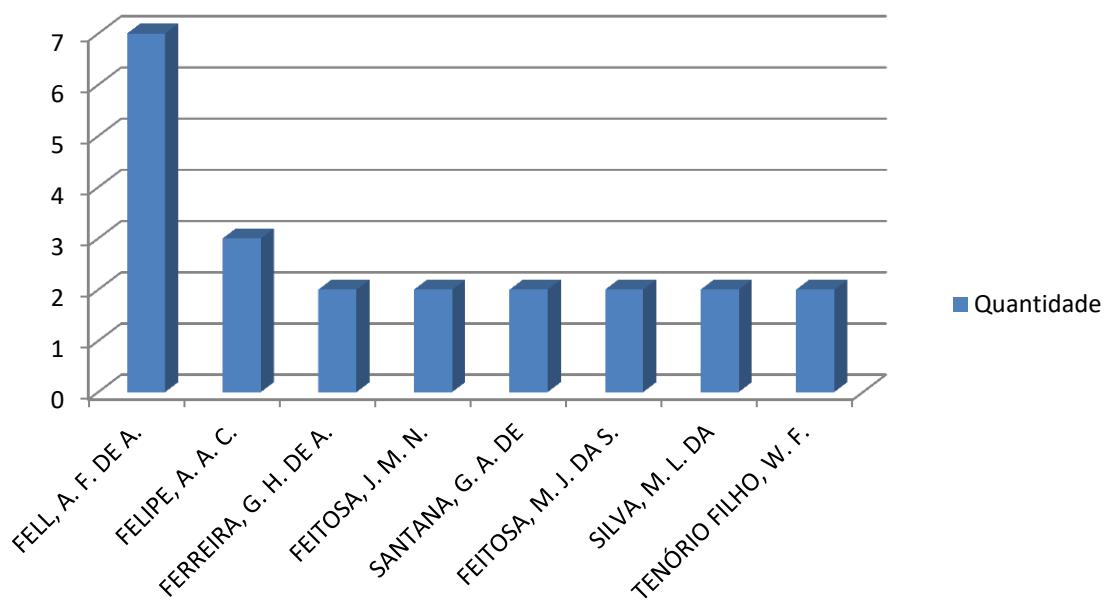


Gráfico 3: Quantidade de publicação por autor.

Fonte: Elaboração própria.

O primeiro autor mencionado na figura acima apresenta um número expressivo de publicações, visto que os trabalhos dos quais participou, representam

17,07% de toda a produção do GT3 ao longo das seis edições do evento; enquanto que o segundo autor representa 7,32% dos trabalhos publicados. Ambos predominantemente como co-autores, sugerindo que tenham agido como incentivadores da atuação e participação de seus alunos tanto em pesquisas quanto no próprio evento.

6.3 Informações do Uso de Referências nos Artigos

Esta análise está relacionada aos autores mais citados nos artigos da categoria GT3 das 06 edições do ENEGI. A contagem foi realizada considerando as referências de cada obra consultada.

Ao todo foram identificados 852 autores referenciados, dos quais apenas 137 foram citados mais de uma vez ao longo de todas as edições dentro do mesmo grupo temático o (GT3). Chama a atenção que os 15 autores mais citados representam 12% das 1158 referências utilizadas, conforme pode ser observado no gráfico 4.

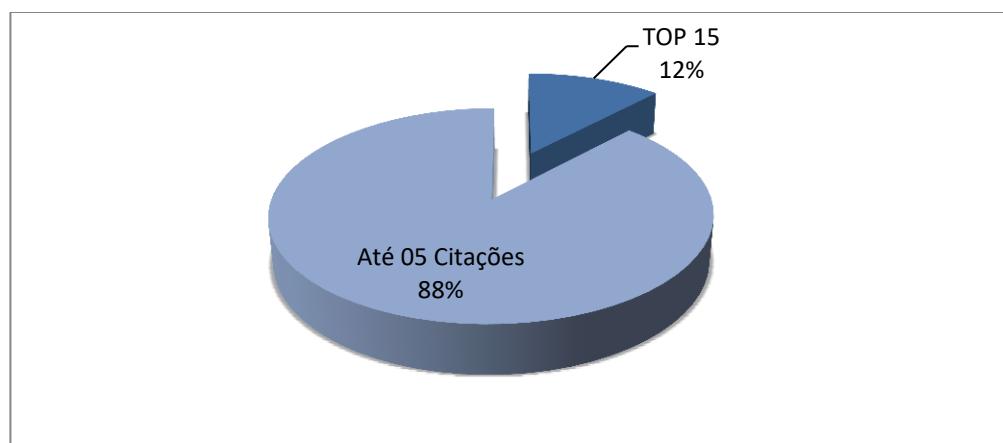


Gráfico 4: Representatividade dos 15 autores mais citados em todas as edições do ENEGI. Fonte: Elaboração própria.

A seguir, o gráfico 5 detalha os 15 autores mais citados e a quantidade de citações por autor que foram identificados nos 41 artigos analisados.

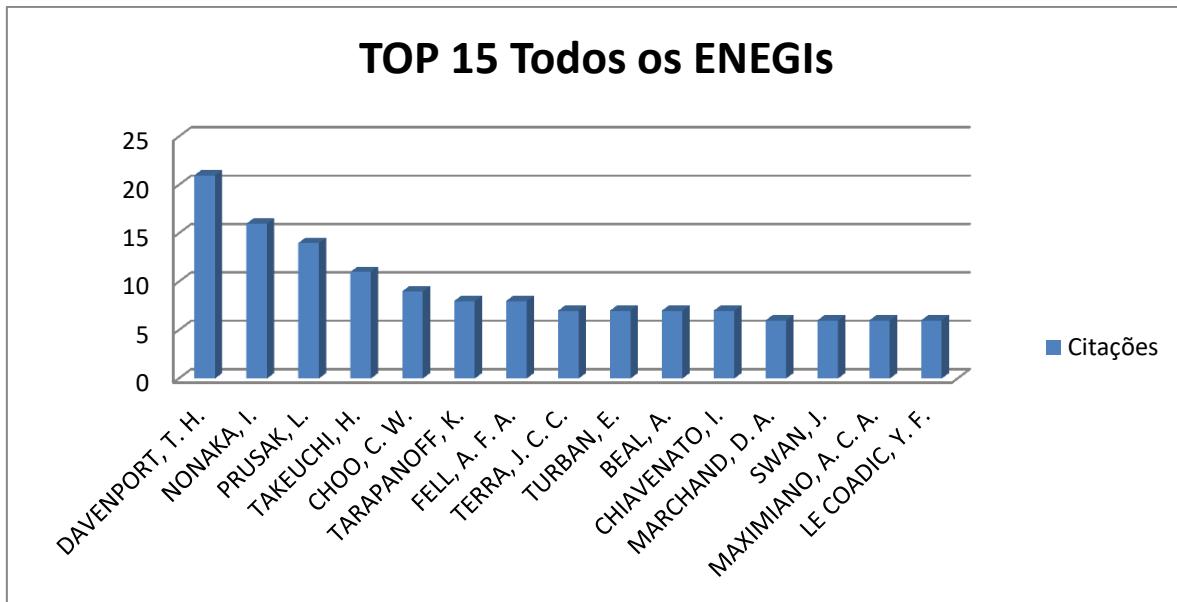


Gráfico 5: Os 15 autores mais citados em todas as edições do ENEGI.

Fonte: Elaboração própria.

Como já era esperado Davenport, Nonaka, Prusak e Takeuchi aparecem como os 04 autores mais referenciados. Nonaka e Takeuchi em razão dos trabalhos clássicos voltados à conversão do conhecimento tácito em explícito e Davenport e Prusak que são os autores que defendem, o conhecimento como fonte de vantagem competitiva dentro das organizações.

Em relação ao número de aparições dos 4 autores mais frequentes ao longo dos anos (gráfico 6), observou-se uma queda de representatividade na terceira edição do evento, que possivelmente pode ser explicada por uma redução na quantidade geral de citações nos artigos publicados naquele ano; que só não foi menor do que a do último ano do evento em 2015, ano que só teve 05 artigos publicados no grupo temático em estudo.

É importante ressaltar que estes autores deixaram de ser citados em apenas uma edição do evento como pode ser observado na figura 6, o que evidencia a sua importância para a temática de Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações.

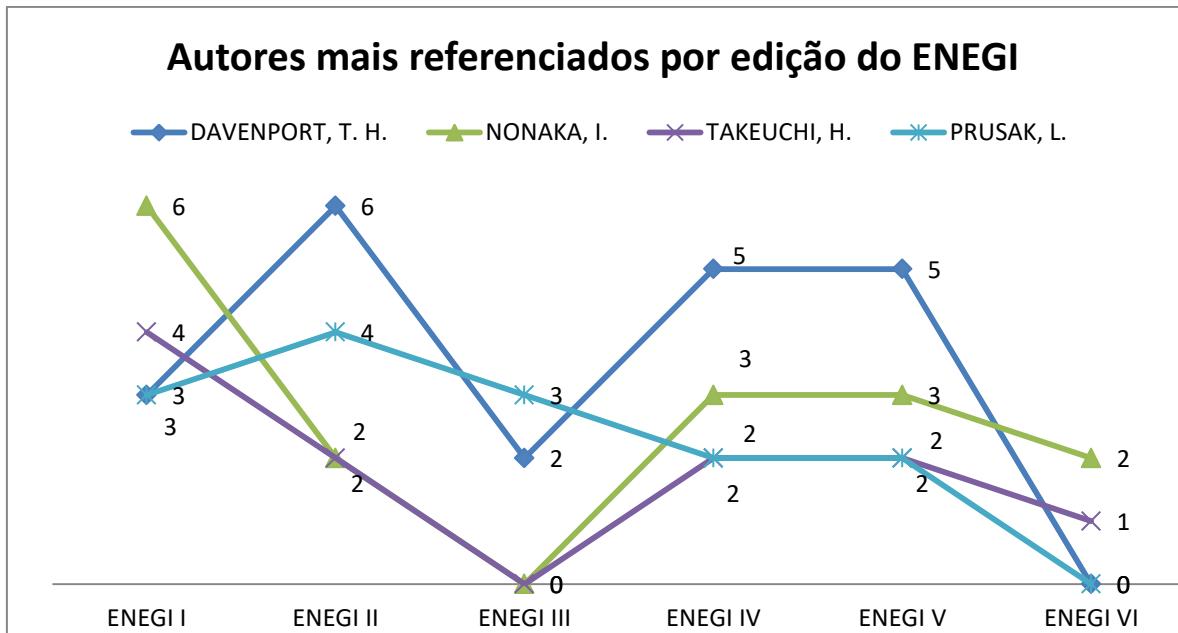


Gráfico 6: Os 04 autores mais citados por edição do ENEGI.

Fonte: Elaboração própria.

7. Conclusão

Este capítulo tem como proposta, a apresentação das conclusões e considerações finais da pesquisa realizada. Nele também serão discutidas as limitações encontradas, será tratado o confronto com os objetivos específicos, e serão enumeradas sugestões para futuras possíveis investigações.

7.1 Síntese do estudo

Buscou-se, diante do entendimento da importância da gestão da informação e da gestão do conhecimento nas organizações, refletir sobre o que tem sido feito, em termos de pesquisa, qualitativa e quantitativa, por meio do mapeamento e análise do tema de interesse em um importante evento acadêmico da área, o ENEGI, através do grupo temático específico (GT3) – Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações.

Embora apresentem naturezas diferentes, as avaliações qualitativas e quantitativas foram usadas de forma a se complementarem, permitindo uma visão mais completa, com elementos analisados de forma objetiva (quantitativa) sem deixar de lado os elementos subjetivos (qualitativos).

Constatou-se, dentre os resultados obtidos, a predominância do paradigma Interpretativo (46%), seguido do paradigma Humanista Radical (29%), ressaltando que o foco mais utilizado pelos autores deste grupo temático do evento, tem sido o subjetivismo.

Notou-se que o GT3 nos ENEGIs apresentou reincidência significativa de autores, apresentando como referencial teórico muitos autores que iniciaram as pesquisas e discussões da área, embora um professor da UFPE, sede do evento, apareça dentre o TOP 15 de autores mais citados. Este certo apego referencial parece indicar que estes pesquisadores, em sua maioria, estudantes da instituição, utilizam essencialmente o referencial teórico aprendido em sala de aula, mas que não se detém a ele, visto que foram citados 852 autores, podendo indicar que o evento incentiva a pesquisa e a busca de conhecimento.

Além disto, foi observado que dentre os autores com maior número de publicações no evento, estão dois professores do Departamento de Ciência da Informação da UFPE que possivelmente agem como incentivadores à pesquisa, e que geralmente atuam como co-autores. Os demais do TOP 8, apresentam algum

tipo de vínculo com instituições de ensino, evidenciando mais uma vez o caráter significativamente acadêmico do evento.

7.2 Confronto com os objetivos propostos

Os resultados desta pesquisa quando confrontados aos objetivos propostos demonstram que estes últimos foram atingidos de forma satisfatória, estando descritos detalhadamente a seguir.

O primeiro objetivo específico, o de compreender a produção acadêmica de artigos do grupo temático – GT3 do ENEGI (2010 a 2015) a partir do modelo de Burrell e Morgan (1979) foi criado com a intenção de através de uma análise qualitativa, observar o direcionamento das pesquisas praticadas pelos autores do evento, contribuindo com um melhor entendimento do rumo tomado quanto às discussões da área. E foi constatada que há uma presença maior do paradigma Interpretativo, em quase metade da produção estudada (46%), seguido do paradigma Humanista Radical observado em 29% das publicações do GT3. Essas constatações apontam que o foco dos autores que se enquadram na categoria do GT3 tem sido o subjetivismo, o que sugere que os pesquisadores não procuram diretamente a mudança na organização, mas sim a compreensão do que ocorre nela a partir das perspectivas dos que nela estão envolvidos.

Com o segundo objetivo específico, utilizar indicadores cientométricos para a geração de informações de autoria e referências dos artigos, buscou-se complementar as análises com o incremento de uma análise quantitativa, trazendo numericamente o desenvolvimento apresentado pelo grupo temático escolhido ao longo das seis edições do evento. E através dessas análises foi possível identificar que os ENEGIs estudados possuem reincidência significativa de autores da instituição que sedia o evento. Dois dos autores mais expressivos são professores da instituição e representam juntos, 24,39% dos trabalhos publicados no GT3 em todas as edições do evento, predominantemente como co-autores sugerindo que tenham atuado como incentivadores à pesquisa e à participação de seus alunos no evento. No que tange às referências dos artigos, foi observado que os 15 autores mais citados, são em sua maioria, autores que principiaram e embasam as discussões acerca da Ciência da Informação; mas precisamente, quanto à Gestão da Informação e da Gestão do Conhecimento, representando 12% das citações

realizadas no grupo temático em estudo. O estudo das referências dos artigos também sugere que os pesquisadores não se detêm a poucos autores conhecidos, visto que 88% das citações tratam de autores com menos de 5 citações ao longo das 6 (seis) edições do evento.

7.3 Limitações

Este trabalho não teve como intenção delimitar de forma definitiva o seu objeto de estudo, mas apenas buscou entender aproximadamente as influências sofridas pela área e suas especificidades. Estudos como este não tem por objetivo determinar regras absolutas, mas vislumbrar indicadores que mostrem em que se baseiam os autores ao realizarem determinados estudos e quais são as suas influências.

É preciso destacar também que os indicadores cientométricos são utilizados para mensurar a produção científica, quanto a determinados critérios, mas, estes não determinam a relevância de seu conteúdo. Sendo assim, a escolha e utilização de uma determinada referência em uma obra, não denotam riqueza de conteúdo, bem como não se pode considerar que uma maior quantidade de artigos publicados ou de citações realizadas, vão revelar uma maior importância de um determinado autor quando comparado a outro.

As limitações deste estudo estão associadas a um pequeno número de publicações, visto se tratar de apenas um dos grupos temáticos (GT3) de um evento relativamente recente, para avaliar e mapear a produção científica da área. Uma pesquisa envolvendo um evento com maior número de publicações analisadas ou de alcance nacional poderia fortalecer os resultados quanto à produção acadêmica científica nacional. Além disso, a avaliação foi baseada na forma como os autores classificaram suas referências, houve a tentativa de minimizar possíveis diferenças entre as formas de citação utilizadas, como também erros cometidos pelos autores, como por exemplo, erros de grafia, referências duplicadas. Ainda que pequena, existe a possibilidade de que algum erro não tenha sido devidamente identificado no momento das análises.

7.4 Sugestões para estudos futuros

Como sugestão para trabalhos futuros, poder-se-ia realizar estudos similares a este ou mais abrangentes que contemplem não só a temática da gestão da informação e do conhecimento nas organizações como também todos os outros GTs do ENEGI, e de outros eventos da área da Gestão da Informação e do Conhecimento, de modo que se tenha uma visão mais completa e sempre atualizada da produção acadêmica desta área do conhecimento, o que facilitaria a construção de um perfil da área e, posteriormente, o reconhecimento e legitimidade de sua própria identidade, quer em termos epistemológicos, ontológicos e metodológicos.

Referências

- ALTER, S. *Information Systems: foundation of e-business*. 4 ed. USA: Pearson Education, 2002.
- BARBOSA, R. R. Gestão da informação e do conhecimento: origens, polêmicas e perspectivas. **Informação & informação**, Londrina, v. 3, n. especial, p. 1-25, 2008.
- BARBOSA, R. R.; SEPÚLVEDA, M. I. M.; COSTA, M. U. P da. Gestão da Informação e do Conhecimento na era do Compartilhamento e da Colaboração. **Inf & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 19, p. 13-24, 2009.
- BEAL, A. **Gestão estratégica da informação**: como transformar a informação e a tecnologia da informação em fatores de crescimento e alto desempenho nas organizações. São Paulo: Atlas, 2009.
- BURREL, G.; MORGAN, G. *Sociological paradigms and organizational analysis*. Londres: Heinemann, 1979.
- CHOO, C. W. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: SENAC Editora, 2006. 426p.
- COLLECTA. **GESTÃO de unidades de informação**: manual/elaborado pela COLLECTA-Processo, Produto e Coleta de Dados S/C Ltda. Brasília, DF : IBICT; Curitiba :TECPAR, 1997. 259 p.

COSTA, J. G. da; VANZ, S. A. S. da. **Indicadores da produção científica e co-autoria**: análise do departamento de ciências da informação da UFRGS. Encontros Bibl: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 17, n. 33, p. 97-115, 2012.

- COURTIAL, J. P. *Introduction à la scientométrie: de la bibliométrie à la veille technologique*. Paris: Anthropos, 1990.
- DAVENPORT, T. H.; MARCHAND, D. A. A GC é apenas uma boa gestão da informação? In: DAVENPORT, T. H.; MARCHAND, D.; DICKSON, T. **Dominando a gestão da informação**. Porto Alegre: Bookman, 2004. p. 189-194.
- DAVENPORT, T. H.; PRUSAK L. **Conhecimento empresarial**: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual. 10. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. 256 p.

- DAVENPORT, T. H.; PRUSAK, L. **Conhecimento empresarial**: como as organizações gerenciam seu capital intelectual. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- DAVENPORT, T. H.; JARVENPAA, S. L.; BEERS, M. C. **Improving knowledge work processes**. Sloan Management Review, 1996.
- DRUCKER, P. F. **Sociedade Pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1993.
- FELL, A. F. A. Análise dos fatores organizacionais obstáculos ao uso da tecnologia da informação para a gestão do conhecimento: uma realidade vivenciada em pequenas e médias empresas da Região Metropolitana do Recife. Recife. 2009. (Tese de doutorado. Universidade Federal de Pernambuco)
- FELL, A. F. A. **Fundamentos da Gestão do Conhecimento**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.
- FUKAHORI, M. A. V.; TRAJANO, B. M.; SANTANA G. A.; FELL, A. F. A. A produção acadêmica sobre Gestão da Informação publicada no periódico Ciência da Informação entre 2003 a 2011. V ENEGI. Recife, 2014. **Anais... ENEGI 2014**.
- GARFIELD, E. *Citation indexing: Its theory and application in science, technology and humanities*. Philadelphia: ISI Press, 1983.
- GOLES, T; HIRSCHHEIM, R.. *The paradigm is dead, the paradigm is dead ... long live the paradigm: the legacy of Burrell and Morgan*. **The International Journal of Management Science**, v. 28, p. 249 - 268, 2000.
- GOMES, M. Q. O. Uma Análise dos Estudos Críticos em Administração: O Caso da Produção Acadêmica dos ENANPADs de 2007 a 2012. **Recife, 2013 (Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de Pernambuco)**.
- GRANDO, N. A Gestão do Conhecimento deve começar pela Estratégia. 2012, 1f. Artigo (Sociedade Brasileira de Gestão do Conhecimento, 2012).
- JAMIL, G. L. **Gestão da informação e do conhecimento em empresas brasileiras: estudo de múltiplos casos**. 2005. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)–Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- MARCHIORI, P. Z. A ciência e a gestão da informação: compatibilidades no espaço profissional. **Ci. Inf**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 72-79, 2002.
- MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

- MOODY, D.; WALSH, P. *Measuring the value of information: an asset valuation approach.* In. **European Conference of Information Systems (ECIS'99)**, 1999, Copenhagen. Disponível em: <<http://wwwinfo.deis.unical.it/zumpano/2004-2005/PSI/lezione2/ValueOfInformation.pdf>> Acesso em: 08/11/2015.
- MORAES, G. D. de A.; ESCRIVÃO FILHO, E. A gestão da informação diante das especificidades das pequenas empresas. **Ci. Inf**, v. 35, n. 3, p. 124-132, 2006.
- MOURA, L. R.. Gestão Estratégica da Informação: proposição de modelo de gestão para uso da informação como recurso estratégico. **VIII Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais– SIMPOI**, 2005.
- MÜLLER-MERBACK, H. *Knowledge is more than information. Knowledge Management Research & Practice*, v2, p.61 e 62, 2004.
- NADAI, F. C., CALADO, L. R. O conhecimento como recurso estratégico: caracterizando uma organização intensiva em conhecimento (OIC). In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO, 8., 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FEA-USP., 2005.
- NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação de conhecimento na empresa**: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- NONAKA, I.; TOYAMA, R.; KONNO, N. *Se ci ba and leadership: a unified model of dynamic knowledge creation*. Long Range Planning 33, p. 5-34, 2000.
- NONAKA, I; TOYAMA R.; HIRATA, T. *Managing Flow: a Process Theory of the Knowledge-Based Firm*. New York: Palgrave MacMillan, 2008.
- O'BRIEN, J. **Sistemas de informação e as decisões gerenciais na era da internet**. São Paulo: Saraiva, 2004.
- OLIVEIRA JR, M. de M. Contribuições para uma taxonomia do conhecimento organizacional e sua administração estratégica. DISPONIVEL EM: http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_1999/AE/1999_AE24.pdf, ULTIMO ACESSO: 30/06/2015.
- OLIVEIRA, P. C. DE; OSHIRO, A. U.; SOUZA, J. A. DE; DANDOLINI, G. A. Gestão da informação ou gestão do conhecimento? Percepção de profissionais da indústria de software de Santa Catarina. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 4, n. 2, p. 67-89, 2014.
- PROBST, G.; RAUB, S.; ROMHARDT, K. **Gestão do conhecimento**: os elementos construtivos do sucesso. Porto Alegre: Bookman, 2002.

- REZENDE, D.A; ABREU, A. F. **Tecnologia da informação aplicada a sistemas de informação empresariais.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- RODRIGUES FILHO, J. Desenvolvimento de diferentes perspectivas teóricas para análise das organizações. **RAP.** Rio de Janeiro, v. 32, n. 4. jul/ago. 1998.
- RUBIN, R. E. *Foundations of Library and Information Science.* 2nd. Ed. New York: Neal-Schumam, 2004.
- SANTOS, A. G. et al. Contribuição da Gestão do Conhecimento para o avanço do Planejamento Estratégico articulado pela Comunicação. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 18, 2013, Bauru. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.**São Paulo: Unesp/Bauru, 2013. p. 1 - 10.
- SANTOS, A. R.; PACHECO, E. E.; PEREIRA, H. J.; BASTOS JR., P. A. (Org.). **Gestão do conhecimento:** uma experiência para o sucesso empresarial. Curitiba: Champagnat, 2001.
- SANTOS, C, D.; VALENTIM, M. L. P. As interconexões entre a gestão da informação e a gestão do conhecimento para o gerenciamento dos fluxos informacionais. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, p. 19-33, 2014.
- SANTOS, N. de A. dos.; FARIA, M. R. S. Modelos meta-teóricos para estudos epistemológicos do processo de pesquisa acadêmica. In: **Congresso da USP.** São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.congressousp.fipecafi.org/artigos102010/138.pdf>>. Último acesso em 21/11/2015.
- SANTOS, R. N. M. dos; KOBASHI, N. Y. Bibliometria, cientometria, infometria: conceitos e aplicações. **Tendências da Pesquisa brasileira em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, 2009.
- SILVA, E. V da; SILVA, A. J. R. P. da; ROSENBERG, D. S.; CARVALHO, I. C. L. O Perfil dos Gestores da Informação para a Indústria Capixaba. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 37, n. 1, p. 73-84, Jan./Abr. 2008.
- SILVA, M. C. DE L. e; ALENCAR, F. de L.; FELL, A. F. de A. A importância da Gestão do Conhecimento no Planejamento Estratégico das Organizações. In: **VI ENEGI.** Recife, 2015. Anais... ENEGI 2015.
- SOUZA, E. D. de; DIAS, E. J. W.; NASSIF, M. E. A gestão da informação e do conhecimento na ciência da informação: perspectivas Teóricas e Práticas Organizacionais. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 21, n. 1, 2011.
- SPINOLA, M.; PESSÔA, M. **Operações.** São Paulo: Edgard Blucher, 1997.
- STEWART, T. A. **A riqueza do conhecimento:** o capital intelectual e a organização do século XXI. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

- STEWART, T. A. **Capital intelectual**. 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- TAGUE-SUTCLIFFE, J. An introduction to informetrics. **Information Processing & Management**, Oxford, v. 28, n. 1, p. 1-3, 1992.
- TARAPANOFF, K. Informação, conhecimento e inteligência em corporações. In: _____ (Org.). **Inteligência, informação e conhecimento**. Brasília: IBICT; UNESCO, 2006. p. 19-35.
- TERENCE, A. C. F. **Planejamento estratégico como ferramenta de competitividade na pequena empresa**. 2002. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- VALENTIM, M. L. P. Gestão da informação e gestão do conhecimento em ambientes organizacionais: conceitos e compreensões. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, 2014.
- VALENTIM, M. L. P. **Gestão da informação e gestão do conhecimento: especificidades e convergências**. Londrina: Infohome, 2004.
- VON KROGH, G.; ICHIJO, K.; NONAKA, I. **Facilitando a criação do conhecimento**: reinventando a empresa com o poder de inovação contínua. Rio de Janeiro: Campus, 2001.